

NÓS MULHERES

Agosto/Setembro de 1977

Nº 6

CEMAP - MEMOROTECIA
CLASS. *Agosto 1977*

Cr\$ 5,00



FABRICAR
ENCERADEIRA
NÃO É MOLE!

SEXO TAMBEM
PRA NÓS

O DIVORCIO
CHEGOU E DAI?

BRINQUEDOS:
CADA
MACACO NO
SEU GALHO

MULHERES EM CARTAZ

EDITORIAL



É comum ouvirmos hoje em dia, das mais variadas pessoas e inclusive de mulheres verdadeiramente democratas, as seguintes frases: «O feminismo não é uma luta para países subdesenvolvidos como o nosso» ou «A luta pela emancipação feminina é importante, mas a luta pela emancipação dos trabalhadores é muito mais importante». Os que assim falam não percebem que as palavras feminismo e emancipação feminina podem ter vários significados e perdem seu sentido se não vierem acompanhadas de uma explicação. Acontece aqui o mesmo que acontece com outras palavras. Por exemplo, muitas pessoas que se dizem democratas estão na verdade querendo uma democracia que só sirva a um pequeno número de privilegiados e não uma verdadeira democracia, onde certos direitos básicos como o de pensar, se expressar e se organizar sejam direitos assegurados a todos os indivíduos e classes sociais. Ora, o feminismo pode também ter vários significados. Existem movimentos feministas na Europa e nos Estados Unidos, por exemplo, que acham que a mulher deve ser organizada para lutar contra o homem. Os que falam que o feminismo não é uma luta para países subdesenvolvidos, estão provavelmente pensando nesse tipo de feminismo. Mas não pensarem, não percebem que esse tipo de feminismo não só não serve aos países subdesenvolvidos como não serve a nenhum tipo de país, pois coloca a luta da mulher de uma forma incorreta.

Mas, ao falarmos assim, nos perguntam: «E o que seria então o feminismo para vocês? Qual seria a maneira correta de colocar a luta da mulher?».

A tendência de todas nós, mulheres feministas, é a de responder a esta pergunta de uma maneira defensiva: «Nós não separamos a luta pela emancipação feminina da luta mais ampla pela emancipação do ser humano em geral». Defensiva porque, ao dizermos isto, apenas estamos querendo mostrar que não somos contra os homens, que não somos contra isto e aquilo. Ou seja, dizemos o que não somos e o que não pensamos, mas não definimos claramente o que entendemos por emancipação feminina, por emancipação do ser humano e a ligação que existe entre essas duas coisas.

A grande aspiração da maioria do povo brasileiro, hoje em dia, é viver numa sociedade em que todos tenham suas necessidades básicas atendidas. Ou seja, onde todos tenham o que comer, onde dormir, o que vestir, possam estudar, trabalhar, cuidar da sua saúde, se divertir, pensar, falar, agir e se organizar livremente. Essa aspiração, nada mais é do que a vontade de viver numa sociedade democrática e onde haja uma justa distribuição da renda. É lógico que essa maravilha não vai cair do céu e que vai precisar de muita luta para que essa sociedade seja conquistada.

Certo, mas as mulheres? Onde é que elas entram nessa história toda? As mulheres são nada mais, nada menos do que *metade* da população brasileira. Metade da população que, na sua grande maioria, não participa ativamente das transformações sociais. Mesmo quando trabalham, as mulheres não participam nos seus sindicatos. São pouquíssimas as que participam de associações de bairro, de clubes de mães e de outros tipos de associação. Muitos pensam, homens e mulheres, que basta o homem participar. Que a mulher pode e deve ficar cuidando da casa e dos filhos. Que participação é política e que política é coisa de homem. Mas será que só os homens vão conseguir mudar a situação? Que metade da população pode ficar em casa, pois a outra metade se encarrega da parada? A história prova que não. Sempre, em todos os grandes momentos da história mundial, a mulher percebeu a importância de sua participação e participou ativamente. Assim, lutar para que a mulher contribua ativamente, junto com o homem, para as transformações da sociedade é também lutar pela emancipação feminina. *A luta pela emancipação feminina é, portanto, parte integrante da luta por uma sociedade mais justa e democrática.*

Então nos perguntariam: «Mas se a luta femi-

nista é isto, porque é necessário que as mulheres, além de lutarem e se organizarem junto aos homens, lutem e se organizem também em associações de mulheres?». O fato é que a luta feminista não é só isso, ela vai além disso. A mulher sofre também uma opressão específica pelo simples fato de ser mulher. Ela tem mais dificuldade de arrumar emprego, principalmente se for casada e tiver filhos, ela é despedida do emprego se casar ou ficar grávida, ela ganha menos que o homem pelo mesmo trabalho, ela cumpre, quando trabalha fora, uma dupla jornada de trabalho, ela se responsabiliza sozinha pelo trabalho doméstico e pela educação dos filhos (tarefa que deveria ser em muitos aspectos assumida pelo Estado, e, em outros, assumida pelo casal, ela sofre constantes ataques sexuais, seja em casa, na rua ou no trabalho. Enfim, a mulher não é tratada como um ser que tem os mesmos direitos e os mesmos deveres que o homem. São muitos os homens que acham que a mulher é e deve ser tratada como um ser igual ao homem. Mas são somente as mulheres, porque isto as toca diretamente, organizadas e lutando por suas reivindicações específicas, que terão a força necessária para mudar essa situação.

Mas, nos dizem «será que todos esses problemas específicos da mulher não serão resolvidos numa sociedade em que haja uma melhor distribuição de renda e uma maior participação política?».

Sabemos que é somente numa sociedade que garanta à toda a população boas condições de existência, de trabalho, de estudo e liberdade e independência para se organizar política e sindicalmente, que estarão dadas as condições para se alcançar a emancipação feminina. Nesse sentido, pode-se dizer também que a *luta por esse tipo de sociedade é parte integrante da luta pela emancipação feminina*. Ou seja, a democracia brasileira, entendida dessa forma, precisa da mulher assim como a mulher precisa da democracia. Mas se esse tipo de sociedade é uma condição necessária para a emancipação feminina, essa condição não é suficiente. A história mostra que mesmo nas sociedades que já conseguiram alcançar um maior grau de igualdade e democracia, a mulher continuou a sofrer uma opressão específica. Enquanto a mulher não atingir a plena igualdade de direitos e deveres é necessário, portanto, que exista uma luta organizada e independente de mulheres.

O feminismo, entendido dessa forma, serve não somente aos países subdesenvolvidos, mas a qualquer país onde ainda existam homens e mulheres oprimidos.

EXPEDIENTE

CONSELHO EDITORIAL: Ana Maria Estevão, Bia Kfouri, Oliviero Macedo, Cida Aidar, Gynthia Sarti, Fátima Almeida, Fernanda Colonnese, Jany Raschkovsky, Laura Salgado, Leda Cristina O. Galvão, Maria Inês Castilho, Maria Inez Zanchetta, Marli Gonçalves, Maria Moraes, Renata Villas Boas, Rita de Luca, Sara Goldman, Solange Padilha, Susana Kfouri.

COLABORADORES: Ciça, Bia Albuquerque, Débora Annenberg, Fernando, Gil Epstein, Hélio Campos Mello, Henfil, Ignatz, João Bittar, Laerte, Lillian Baroni, Lucia, Marion Frank, Marlene, Moema, Nair Benedicto, Vera Simonetti, Paulo Vaskoncellos, Associação Feminista da Bahia, Clube das mães da Zona Sul, Conceição Cahú

JORNALISTA RESPONSÁVEL: Anamarcia Vainsencher

ADMINISTRAÇÃO E REDAÇÃO: Rua Fidalga, 548 - sala 26 - V. Madalena, São Paulo (SP)

Composto e impresso pela Empresa Jornalística AFA - Av. Liberdade, 704 - Tel.: 278-9010.

“NÓS MULHERES” AGRADECE

A gente estava mesmo sem dinheiro. Devendo e sem saber como fazer este número. Nisso, veio a idéia de dar uma festa, não só para comemorar um ano de jornal, o que já é um heroísmo, como também para nos tirar do «buraco».

Nos preparamos durante um mês e no dia 23 de julho, uma festa estava montada na Fundação Getúlio Vargas. Exposição de gravuras, quadros, desenhos, fotos. Venda de livros, discos. Música ao vivo, com conjuntos de chorinho e samba rasgado. Um filme para o mais intelectuais, e para animar: salgadinhos e vinho. Era uma quinta-feira e o dia coincidia com o jogo Brasil-

ninguém, afinal futebol é futebol. Mas no fim, vieram umas 500 pessoas e apesar do trabalho, foi uma noite animada e de muita solidariedade com Nós Mulheres.

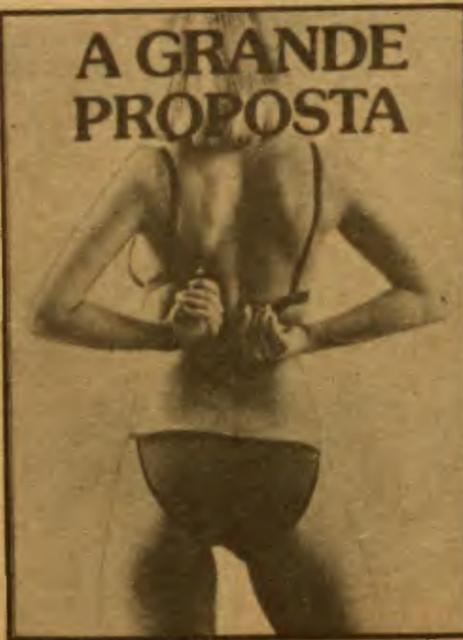
Nosso grupo trabalhou muito, mas não fosse o apoio que tivemos de mulheres e homens que nos ajudaram dando quadros, fotos, tocando de graça, de nada valeria nosso esforço.

O resultado foi que conseguimos liquidar nossas dívidas e ainda nos sobrou dinheiro para lançar este e o próximo número. Verdade que não resolvemos de vez nosso problema financeiro, mas a solidariedade nos fez avançar mais um pouquinho.

TÁ NA CARA



A GRANDE PROPOSTA



Apresentamos a maior lançadora de moda do Brasil



QUANDO UMA COISA É BOA AGENTE NÃO ALUGA. AGENTE COMPRA.

Saque e dispare.
Câmara Kodak Xereta.



A propaganda é uma mentira, um mundo ilusório que cria todo dia novas necessidades. Absolutamente desnecessárias. E cuidado: se você não tiver isso bem claro, pode começar a odiar a sua própria imagem, porque não tem a pele branca e macia, o rosto sem rugas, os cabelos loiros ou aquele corpo fantástico.

Nós Mulheres somos fortes, mas a propaganda nos faz frágeis, burras, e «gostasas»; porque é assim que essa sociedade nos usa para vender seus produtos. No entanto somos tantas. E por trás dessas imagens há força, inteligência, trabalho, miséria. E opressão.

VOCÊ NÃO VÊ?

Cuide bem de seu rosto. Ele é a segunda coisa que os homens mais gostam de olhar.





Na noite de 11 de agosto mais de 4 mil pessoas reuniram-se para comemorar os «150 anos da criação dos Cursos Jurídicos no Brasil», na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Uma homenagem foi prestada aos que mais se destacaram na luta pelos direitos humanos. Vários oradores discursaram

e, em seguida, em meio a grande entusiasmo popular, foi realizada uma passeata pelo centro da cidade. Cerca de 7 mil pessoas pediam uma Constituinte soberana; anistia aos presos políticos; volta dos militares aos quartéis; eleições diretas; enfim, amplas liberdades democráticas.

TREZE ANOS É DEMAIS

Os trabalhadores pedem democracia; os estudantes saem às ruas Pelas Liberdades Democráticas; as mulheres se reúnem a outros setores na luta democrática e propõem uma anistia ampla e irrestrita; a Igreja fala da necessidade de liberdade e melhores condições de vida para a maioria do povo brasileiro. Os políticos que representam realmente o povo problemam

que só é legítimo o governo eleito pelo voto direto. Juristas dirigem à Nação uma carta pedindo a volta da democracia. Todos esses setores e ainda outros, como jornalistas, professores etc., se organizam para exigir um novo regime, que alivie o País do peso que tem sido imposto nesses últimos anos. Todos esses setores pedem uma democracia de verdade, onde todos, não só uma pequena minoria de privilegiados, participem da condução econômica e política do País.

“Carta Aberta”

No dia 8 de agosto o professor Gofredo da Silva Telles Jr. leu o documento «A Carta aos Brasileiros», já com assinatura de 93 juristas, no qual defende a urgente necessidade de se convocar uma Assembléia Nacional Constituinte, como única forma de sair do impasse em que vive o País. Abaixo, os principais pontos da carta:

«Somente o Povo tem competência para escolher seus representantes. Somente os representantes do Povo são legisladores legítimos. (...)

A ordem imposta, vinda de cima para baixo, é ordem ilegítima. (...)

Imposta, a ordem é violência.

Proclamamos que o Estado legítimo é o Estado de Direito, e o Estado de Direito é o Estado Constitucional.

Os outros Estados, os não-Constitucionais (...) são os Estados cujo Governo não tolera crítica e não permite contestação. São os Estados-Fim, com Governos obsecados por sua própria segurança, permanentemente preocupados com sua sobrevivência e continuidade.

Esses Estados se chamam Estados de Fato. Os otimistas lhes dão o nome de Estados de Exceção.

O que os Estados de Fato, Estados

Policiais, Estados de Exceção, Sistemas de Força apregoam é que há Direitos que devem ser suprimidos ou cerceados, para tornar possível a execução dos ideais desses próprios Estados e sistemas.

Por exemplo, em lugar dos Direitos Humanos, em lugar do **habeas corpus**, em lugar dos cidadãos poderem eleger seus governantes, esses Estados e Sistemas colocam, freqüentemente, o que chamam de Segurança Nacional e Desenvolvimento Econômico.

Aprendemos que Ditadura é o regime, por excelência, da Segurança Nacional e do Desenvolvimento Econômico. O Nazismo, por exemplo, tinha por meta o binômio Segurança e Desenvolvimento.

O que dá sentido ao desenvolvimento nacional, o que confere legitimidade às reformas sociais, o que dá autenticidade às renovações do Direito são as livres manifestações do Povo, em seus órgãos de classe, nos diversos ambientes da vida.

Quem deve propulsionar o desenvolvimento é o Povo organizado, mas livre, porque ele é quem tem competência, mais do que ninguém, para defender seus interesses e seus direitos.

Sustentamos que uma Nação desenvolvida é uma Nação que pode manifestar e fazer sentir sua vontade. É uma Nação com organização popular, com sindicatos autônomos, com centros de debates, com partidos autênticos, com veículos de livre informação. É uma Nação em que o Povo escolhe seus

dirigente e tem meios para introduzir sua vontade nas deliberações governamentais. É uma Nação em que se acham abertos os amplos e francos canais de comunicação entre Sociedade Civil e Estado.

A consciência jurídica do Brasil quer uma coisa só: O Estado de Direito, já».

SEM PALAVRAS

Ano passado, quando começou a campanha eleitoral para vereadores e alguns prefeitos, o rádio e a televisão ficaram mudos. Pouco antes o governo inaugurou a campanha com a conhecida «Lei Falcão». As eleições sofreram novas restrições com essa lei que proibia a propaganda eleitoral no rádio e na tevê. Os programas mantiveram sua normalidade: as novelas nas horas de sempre, o mesmo «Fantástico», ou «Sílvia Santos». De vez em quando algumas caras estranhas de candidatos com legendas dos partidos apareciam no vídeo e lembravam que haveria eleições no País. Passadas as eleições, a política continuaria a não perturbar o cotidiano das senhoras e senhores telespectadores. Quando muito, veriam algum discurso do presidente da República, ou alguma nota de ministros. Mas tudo tem um porém, e a «Lei Falcão» deixava uma pequena brecha aos políticos do MDB e ARENA: poderiam falar duas horas por ano através do rádio e da televisão. Não é muito, mas em todo caso, o MDB resolveu não jogar fora esse seu pequeno direito. Houve o famoso programa, no qual falaram o deputado Ulysses Guimarães, o então deputado Alencar Furtado, o senador Franco Montoro e Alceu Colares, também deputado. A maioria da Nação escutou os discursos, mas, dias mais tarde, o deputado Alencar Furtado era cassado. Entretanto, existem setores da oposição que insistem em seu direito de livre expressão. Os discursos de encerramento do Simpósio «Jornadas Democráticas» deveriam ser ouvidos por toda população de São Paulo. Sabia-se com antecedência que no dia 20/08 as palavras dos deputados Alberto Goldman, Robson Marinho e Natal Gale conteria críticas ao governo. Para evitar que isso ocorresse, o presidente Geisel interveio com os poderes que lhe dá o AI-5 e cancelou o programa. Depois do pacote de abril, o pacotinho de julho. Através de Ato Complementar à «Lei Falcão» está temporariamente cancelada qualquer manifestação política, nas emissoras de rádio e televisão brasileiras, que não estejam conforme as idéias do atual governo.

O discurso do deputado Goldman diria: «Vivemos a paz dos cemitérios. Vivemos a paz obtida pela força e pelo poder dos instrumentos de opressão e não aquela paz proveniente do apoio e consenso popular».

De um mês para cá, os jornais têm comentado com insistência e tentado adivinhar quem será ou não candidato à presidência da República. Quem tem mais ou menos «chances».

Alguns nomes já parecem bem cotados para o páreo. O General João Baptista Figueiredo, chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI); o General Sylvio Frota, Ministro do Exército, e mesmo um civil, o Senador Ma

galhões Pinto. É claro que em um momento de amplo debate sobre a democracia, a sucessão cria grande impacto. Os defensores do atual regime pensam resolver os problemas econômicos e políticos do País com a continuação do autoritarismo.

A maioria da população será mantida fora da vida política nacional e uma vez mais o presidente será imposto, já que o povo não tem direito de eleger seu representante máximo e tem cada vez menos influência nos resultados eleitorais após as reformas de abril.

Os altos oficiais das Forças Armadas indicarão o nome do sucessor do Presidente Geisel. O povo marginalizado da vida política do País «será informado» do que acontece. E o retorno à democracia, como sempre, será adiado. Enquanto isso, os trabalhadores continuarão proibidos de ter sindicatos representativos, de fazer greves para defender seus direitos. Os estudantes continuarão sendo presos e expulsos das universidades. O aumento do custo de vida seguirá seu curso e as condições de vida e trabalho não sofrerão nenhuma melhoria.

Enfim, a Nação continuará sem palavras.



A MULHER EM QUESTÃO

Em "Ordem Alfabética" NA BAHIA



«Feita a identificação dos estudantes detidos ontem pela polícia de Brasília, numa delegacia da Asa Norte, anunciou-se que a liberação se processaria por ordem alfabética.

A primeira a ganhar a porta da rua foi Rosa, filha do ministro Quandt de Oliveira, estudante de Economia».

Da Folha de São Paulo de 26 de julho de 1977,

“Carta aos nossos filhos”

A luta pelas liberdades democráticas toma cada vez mais impulso em nosso País, e nesse processo são cada vez mais numerosos os setores da sociedade que sentem a necessidade de expressar a sua opinião.

Os estudantes sempre foram uma parcela importante dos combatentes pela democracia e nada mais salutar e vigoroso que o renascimento do movimento estudantil que vem ocorrendo durante este ano de 1977. A forma como a população tem recebido suas manifestações, o apoio que outros setores têm dado às suas lutas, provam a justiça deste movimento. Ao mesmo tempo causa indignação ver os cães policiais, os brucutus, os soldados armados, as invasões e prisões nas universidades.

Diante de tal situação, seria difícil às mães de alunos, que também lutam e acreditam numa verdadeira democracia, assistirem caladas às arbitrariedades que têm ocorrido. Por isso constituíram-se numa comissão de mães, na luta pelos direitos humanos.

Abaixo, trechos da Carta Aberta aos Estudantes, feita por elas:

«Ao longo de sua infância e adolescência, procuramos transmitir-lhes conceitos fundamentais sobre a pessoa humana e sobre a vida em sociedade. Ensinamos que a convivência entre os homens requer respeito e compreensão, para que divergências não levem as pessoas a se tratarem como inimigos e para que o confronto de idéias não se faça com recurso à violência.

Nunca admitimos que os direitos humanos fossem dádiva ou concessão de Estados e de governo.

Sempre reconhecemos ser direito e

dever de vocês participar da vida nacional, como estudantes e cidadãos, de forma pacífica e ordenada, até mesmo para que a firmeza de suas convicções não viesse servir a propósitos radicalizantes.

Procuramos, assim, entregar à Nação homens e mulheres de coragem e civismo. (...)

Todos vocês, em breve, estarão no exercício das diferentes profissões de interesse de cultura, do progresso, do ensino, da justiça e da saúde e do povo brasileiro.

Portanto, vocês já não necessitam da nossa ou de qualquer tutela, embora nossos vínculos de profundo amor continuem permanentes. (...)

Muitas vezes, vocês, nós, o povo inteiro, temos sido, como aconteceu recentemente, traumatizados por atitudes arbitrarias que afetam a todos. Por isso vocês, em manifestações ordeiras e pacíficas, percorreram desarmados as ruas de São Paulo.

Um imenso esquema de repressão policial foi mobilizado, com os mais sofisticados apetrechos. (...)

Vocês se portaram à altura de sua responsabilidade, não se curvando à restrição de seus direitos e não aceitando as inúmeras provocações. A sua luta é pela LIBERDADE, por um regime absolutamente democrático.

Nesta hora, reiteramos nossa solidariedade e confiança em vocês, pois, tal como seus mestres, rejeitamos «a cumplicidade passiva do silêncio».

COMISSÃO DE MÃES DE ALUNOS DE SÃO PAULO.

São Paulo, junho de 1977

NA BAHIA TEM

Cada vez mais as mulheres começam a perceber a importância de sua organização. No Brasil, nos últimos meses, surgiram alguns grupos entre os quais a Associação Feminista da Bahia.

A proposta da Associação é «defender os direitos de igualdade civil e política da mulher, integrando-a na lu'a do conjunto da sociedade pela transformação social das relações humanas e de trabalho, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa». A Associação pretende «manter contatos com outras organizações de mulheres e entidades representativas da sociedade; divulgar a situação real da mulher (...). E ainda lutar por: creches, refeitórios, lavanderias públicas (...); por melhoria salarial de todos os trabalhadores e cumprimento e ampliação dos direitos trabalhistas da mulher; contra a discriminação apresentada no Código Civil, apoiando também outros movimentos que beneficiem a maioria da sociedade».

Todo o apoio às companheiras baianas que vêm engrossar a nossa luta.

Os interessados podem pedir informações no seguinte endereço: Rua Aristides Novais, 101 - Federação - Salvador.

SEXO E PODER

Isto É de 3 de agosto de 1977 publicou reportagem sobre revistas pornográficas que usam fotos de crianças, na Europa e Estados Unidos. Aqui, a perversão sexual envolvendo crianças é um fato comum. Um trecho da matéria: «Em furioso artigo de capa, no número de agosto da revista MS., a feminista Gloria Steinem explica o fenômeno como o resultado lógico da educação machista imposta aos homens, desde a mais tenra idade. Aos homens se ensinaria que o sucesso (no sexo, inclusive, ou principalmente) depende sempre da dependência ou da subserviência de outra pessoa na maioria dos casos, de uma mulher. A maioria dos participantes, indefesos, explorados, humilhados e desumanizados pela indústria pornográfica, pertence ao sexo feminino.»



NA CPI

No início desse ano, 28 de abril, foi instalada em Brasília uma Comissão Parlamentar de Inquérito, para investigar os problemas e as discriminações que existem contra a mulher no Brasil.

Essa CPI, como todas, proposta e analisada pelos deputados e senadores, deve em princípio ser informada dos problemas, para futuramente propor soluções às discriminações existentes.

No dia 18 de julho, o senador Gilvan Rocha, que é o presidente dessa CPI, esteve na Câmara Municipal de São Paulo para discutir com as mulheres daqui e se informar sobre a sua situação. Estavam presentes o Centro de Desenvolvimento da Mulher, os jornais «Nós Mulheres» e «Brasil Mulher», o Movimento Feminino do MDB, donas de casa, empregadas domésticas, jornalistas, intelectuais etc. Apesar de ter sido uma reunião pequena, as mulheres e homens presentes discutiram até a 1h30 da madrugada os problemas da mulher em casa, no trabalho, na vida social, na educação etc.

Vamos ver agora como evolui esse trabalho e de que forma nossas queixas serão atendidas. O Senador Nelson Carneiro é o grande inspirador dessa Comissão. Esperamos somente que seus resultados não demorem tanto quanto foi preciso esperar pelo divórcio, nem que as decisões tomadas sejam tão distanciadas da discussão popular como também foi o caso do divórcio.

II

«Depois de 188 dias de prisão, Raul Siret, o Doca, na sociedade, está em liberdade. Conseguiu habeas corpus esta semana e, enquanto aguarda julgamento, aproveitou para escrever um livro e uma série de sambas-canções inspirados em sua vida e em seu crime; além disso, atenderá os clientes que continuam a confiar-lhe investimentos («daí meus salários estarem em dia»).

Sem habeas corpus, sem autobiografia e sem sambas, os três rapazes que há pouco tempo, no volante de um Camaro, assassinaram uma «infeliz mundana» na Avenida Rebouças, também estão soltos. Os três são menores. Ao divulgarem como morreu a moça da Rebouças, apanhada e arrastada pelo Camaro, os jornais foram impedidos de divulgar, também, os nomes e as fotos dos «três meninos ricos». Ao contrário dos casos de outros menores.»

(Jornal da Semana, 31 de julho de 1977)

O DIVÓRCIO CA BOCLO

Na Itália, o divórcio foi conquistado através de uma luta popular que o vinculava a lutas mais amplas: justiça para homens e mulheres, direitos iguais, condições de vida dignas, num mundo em que haja oportunidades de realização para todos e em que homens e mulheres possam ser solidários e felizes, juntos. E no Brasil, como surgiu o divórcio?

«Dizem que o divórcio foi aprovado», dizia dona Mariazinha, viúva de meia-idade, residente no Parque Edú Chaves. Apreensiva, preocupada mesmo, ela gesticulava e contava às vizinhas na porta de casa a estória do divórcio, sem entender muito bem o que queria dizer tudo aquilo. «Os desquitados poderão casar de novo no civil? Vão ser solteiros? E os filhos do primeiro casamento? E os do segundo?» Pois é! Tais perguntas não estão só na cabeça de dona Mariazinha, mas na de todas nós. A verdade é que pouco está definido a respeito do tão comentado divórcio. Sabemos que é uma emenda à Constituição e que permitirá dissolver o casamento. Assim, os casais separados há mais de 5 anos, ou desquitados (isto é, separados legalmente) há mais de 3 anos, poderão se divorciar. Por enquanto é o que sabemos, e às perguntas de dona Mariazinha, acrescentamos mais uma: O que muda e o que ganha a mulher com isso? Será mais um abacaxi, que como outros ela terá de descascar sozinha? Enfim, as respostas só teremos em setembro, quando se votar e se esclarecer definitivamente como será a lei que regula o divórcio.

UM PRIVILÉGIO — De uma coisa sabemos: ele será caro. Alguns advogados estão calculando entre cinco e vinte mil cruzeiros, e dependendo do advogado poderá custar até 30 mil cruzeiros. Desta forma, nem todos os ca-

sais terão condições de pagar as despesas de um divórcio. E para quem está preocupado em garantir para si e para os filhos um lugar para morar, roupa e comida, o divórcio será uma questão secundária. A sobrevivência é mais importante. Mas, mesmo sendo um privilégio de uma parcela da população, é importante discuti-lo. Isso porque não surgiu de uma reivindicação popular, de todos nós. A verdade é que a discussão do divórcio e sua votação limitou-se ao Congresso. No agitado dia da votação final, as pessoas que lotavam as galerias para assistir, eram, em sua maioria, sócios do Clube dos Desquitados, que reúne em Brasília centenas de homens e mulheres em tal condição. Essas pessoas tinham todo interesse na questão. Mas, foram por acaso ouvidas? Mesmo durante a votação no Congresso tiveram, muitas vezes, de conter o seu entusiasmo, pois, caso contrário, seriam mandados para fora das galerias. Seja como for, os louros da vitória cabem ao pai da proposta, Senador Nelson Carneiro, que exatamente há 26 anos vinha lutando por sua implantação no Brasil. Após as reformas de abril, para se aprovar uma emenda não é mais necessária a maioria de dois terços do Congresso, pois as reformas permitem a aprovação com número menor de parlamentares: a metade mais um. Assim, a apresentação do projeto divorcista veio na hora oportuna, tentando desviar a atenção de assuntos mais importantes como o custo de vida, a inflação e o próprio receso parlamentar.

DIVÓRCIO À BRASILEIRA — Aqui, o divórcio não foi resultado de uma reivindicação popular, espontânea, e, como tal, corre o risco de se transformar em simples questão de rótulo. Substitui-se desquite por divórcio, e

não se faz nada para mudar a situação que cria o conflito na relação entre homens e mulheres. Não será a regulamentação do divórcio que alterará o quadro do relacionamento homem/mulher, nem a concepção de casamento existente em nossa sociedade. Aí está o problema. Enquanto a mulher, solteira, casada, divorciada, desquitada - não importa o rótulo que tenha não puder desenvolver integralmente seu potencial; enquanto continuar a encarar o casamento como o principal objetivo, espécie de emprego; enquanto ela não repudiar sua condição de objeto de adorno; enquanto considerar o casamento como única forma de exercer seu direito à sexualidade, ela dificilmente conseguirá um relacionamento sadio

com o sexo oposto. O homem, ao contrário, é educado a ter iniciativa própria, a enfrentar as dificuldades, a buscar segurança em si mesmo e é incentivado em seus mais variados interesses. Está acostumado a usar e abusar de sua sexualidade. Não será, pois, uma lei que mudará tal situação.

Ao contrário, as transformações virão através da abolição de qualquer forma de discriminação sexual e da divisão sexual de trabalho, tal como se faz em nossa sociedade. Através de oportunidades e salários iguais. Só desta maneira o divórcio terá significado e representará um passo decisivo na luta da mulher e do ser humano em geral, no pleno exercício de seus direitos,



MARIANA COM A PALAVRA!

Ela tem 30 anos, dois filhos: um de 11 e outra de 8 anos. Ficou casada durante 11 anos e está desquitada há três. Se quiser poderá se divorciar. Relata aqui um pouco de sua experiência, de seu desquite, de quando ficou sozinha com as crianças para enfrentar a vida, a sociedade, a família e ela mesma. Uma luta contra as barreiras e os obstáculos (tentando se impor como mulher e gente) criados em torno da DESQUITADA.

«Da primeira vez, a separação foi muito conversada. Ele não tava legal e eu sugeri que saísse de casa. Ele achou que era a solução. Depois de oito meses voltou e ficamos juntos por mais sete anos. Quando saiu definitivamente, eu tinha raiva, mas era uma coisa mais madura. Dessa vez eu ia sair com a cabeça erguida, como gente e não criança boba. Sentia vergonha de assumir que ele não tava mais em casa, na frente das crianças, da empregada. Um belo dia acordei e não senti mais isso. Foi um alívio. Trabalhava e continuei trabalhando, não quis nada dele. Só para as crianças. Eu não posso dizer que reconstruí minha vida. Me sinto truncada, sabe? Não posso mais ter filhos, e eu queria, e não arranjei um companheiro, outra pessoa que eu curtisse. Mas, ao mesmo tempo, sou dona do meu nariz e o pior eu já passei. Tô começando agora a pensar em mim, tenho que ser eu, em cima das minhas duas pernas e da minha cabeça. En-

frentando tudo. É claro que dá medo! Mas a gente já tá mais segura, vai forjando essa segurança. Já sei ficar sozinha. Um novo casamento? É... pensar em morar de novo com alguém fica difícil, é complicado. Na verdade a gente tem uma revolta. «Por que isso foi acontecer comigo?» Mas ao mesmo tempo dá uma força enorme. Você tem que aceitar o fato consumado, fazer as crianças aceitarem, e hoje me dá um grande alívio me ver diante desse quadro. Parece que estou livre de um peso no meu corpo e na minha alma. Pensar em viver com outro cara implica em conviver um tempo com ele, pois a gente já adquiriu liberdade e independência e tem medo de perder isso, conquistado a tão duras penas. Dificuldades? Encontrei muitas. Nem a gente, nem a sociedade está preparada pra essa situação que tá criada. Não sou a única desquitada. Como eu existo, tenho milhares de mulheres sozinhas e nossa sociedade não está estruturada

pra isso. É tudo em função da família. E é assim na rua, na escola das crianças. Nas reuniões da escola vão os casais. Casais que se entendem. Mas, por mais evoluída que seja a pessoa, tem um monte de gente aí agarrada, pendurada no casamento, com medo da solidão, de enfrentar o mundo aí fora. Quando a gente diz que é desquitada, todo mundo olha. Existe o preconceito porque as pessoas não estão preparadas pra essa situação, que afinal não é nova. Por exemplo, no prédio que eu moro, sou a única desquitada e as pessoas têm problemas. Falam diferente comigo. Se eu tivesse um homem em casa, aposto que seria diferente. As coisas já estão estruturadas para que o homem resolva algumas coisas e a mulher outras. Aí você vê o preconceito de família e o problema da mulher. Você é só um objeto e acabou. Não se aceita que a mulher seja gente, que tenha capacidade de dirigir um Banco. Tem que ter um homem atrás, sempre, principalmente em questão de negócios. Se ela tenta fazer um negócio sozinha, as pessoas acham estranho, é esquisito. Eu já superei essas coisas. No começo eu tinha vergonha, mas as pessoas me diziam: «Você é forte, você aguenta». E ficar sozinha, sem um homem na retaguarda, é ficar sozinha MESMO.

Divórcio? Eu acho que não vai mudar nada. Antes de tudo acho que no Brasil, o divórcio não era prioritário.

Não é salvação, solução ou saída para p... nenhuma. Se um casal tá mal, não é o divórcio que vai mudar ou legalizar isso. O desquite já faz isso. Eu ainda não sei direito, e o divórcio, diante dessa situação difícil que a gente vive hoje, é uma escapatória. Conquista pra mulher? Pode ser que legalmente mude alguma coisa, fique melhor, mas a vivência, o fato em si, não muda. Não importa o nome que tenha. A coisa em si não muda. Seja divórcio, desquite.

Não muda nada dizer «sou solteira» ou dizer «sou desquitada», porque não é questão de rótulo. Aqui, onde as pessoas te conhecem, sabem que no fundo você não é solteira, e você também. Eu sei que sou mãe de dois filhos e não altera nada. Não é a palavra que importa, e sim você em relação ao problema. Você precisa estar bem diante do problema, aceitá-lo pra você mesma. É saber encarar a situação. Sabe, a mulher tá doída pra se impor, pra ser aceita como gente, inteira, com toda a força, todo o carinho, toda a vontade de trabalhar e ser aceita por sua capacidade profissional e não por ter mais sensibilidade pra isso ou aquilo, por ser mulher. Cabe à mulher forjar isso e lutar pra que isso ocorra, pra que nós sejamos respeitadas como seres humanos capazes de fazer qualquer coisa. Nós temos de conquistar nosso lugar e estamos começando a nos impor, a nos valorizar como gente.

“isto é coisa de menina”

«Mãe, compra este caminhão pra mim?»

«Você está louca, menina! Caminhão é brinquedo pro seu irmão!»

Toda criança gosta de jogar e brincar. Mas as regras dos jogos e os objetos com os quais se brinca variam de um grupo social para outro e de uma sociedade para outra. Apesar disso, entre nós existe uma regra que é comum: meninos e meninas brincam de formas diferentes.

As crianças não aprendem sozinhas as brincadeiras. São os adultos ou as crianças mais velhas que geralmente ensinam os jogos. E ensinam desde cedo aos pequenos que as meninas devem brincar de um jeito e os meninos de outro. Chamar atenção para isso pode parecer perda de tempo: a diferenciação é óbvia. Está aí em todas as lojas, em todos as revistinhas, em todos os livros, para quem quiser ver. Porém, nós já estamos tão condicionadas a ver meninos e meninas como pessoas diferentes que muitas vezes praticamos a discriminação sem perceber. Quantas vezes a gente entra numa loja para comprar um presente e diz para a vendedora: «Eu quero um presente para uma menina».

Quando paramos para pensar nos jogos com os quais brincam as nossas crianças levamos um susto: percebemos a enorme diferença, dependendo do sexo. A maior parte dos brinquedos é concebida para meninos ou para meninas, sempre ligados aos papéis que se espera que estes venham a desempenhar quando adultos.

Os brinquedos são diferenciados desde a mais tenra idade: os bichos de pano e de borracha são oferecidos a ambos os sexos. Porém, as bonequinhas são reservadas exclusivamente para as meninas (bonecas sempre sem sexo, de preferência). Quando alguém dá uma bonequinha ou um bichinho a uma menina pequena geralmente lhe mostra como se segura o neném, como se cuida e se acalenta. É muito comum a gente encontrar meninas de um ano que assim que recebem nas mãos uma boneca já a apertam no peito e começam a ninar. Essas meninas foram ensinadas a fazer isso. Os adultos, entre tanto, esquecendo-se de que esse comportamento é apenas resultado de suas instruções, exclamam: «Tão pequenina e já tem instinto materno!»

Além das bonecas, os outros brinquedos geralmente destinados às meninas imitam os utensílios caseiros: cozinha, mobília, xícaras, panelinhas, cartões e tecidos para bordar. Há também os brinquedos que ensinam a menina a se enfeitar: penteadeiras com batom e espelho, rolos para o cabelo, contas para fazer pulseiras e colares. De vez em quando aparece um pianinho, que é para a menina ter algum «amor à arte» quando crescer. Para os garotos, os brinquedos são completamente diferentes: carrinhos, papagaio para

Meninas jogando futebol. Meninos brincando de bonecas. Por que não?

empinar, navios, aviões, foguetes, luvas de box, capacetes, armas (aliás, existe um verdadeiro arsenal militar para os meninos) Entre esses dois grupos de brinquedos não existe lugar para concessões. Imaginem como se sentiria um pai se seu filho de quatro anos entrasse numa loja de brinquedos e pedisse de presente um aparelhinho de chá!

«Lucinha, não jogue futebol, você não pode!»

Os meninos e meninas não diferem apenas na escolha dos brinquedos. Eles brincam de maneiras diferentes. O menino é mais agressivo, mais ativo usa esforço muscular nos seus jogos.

A menina, não. É mais calma, estável. Gosta de jogos repetitivos, que exigem habilidades sofisticadas (você já viu uma menina pulando corda? um salto com o pé esquerdo, outro com o direito, dois saltos de pés juntos e ao mesmo tempo cruza a corda por cima da cabeça. Uma verdadeira obsessão em ser perfeita!).

A menina geralmente não briga (quando o faz, é só xingando). Não trepa em árvore, não brinca de guerra. A menina que é viva, cheia de energia e enfrenta os garotos na luta, sempre experimenta um sentimento de mal-estar e culpa. Ela sabe que ao agir assim estará decepcionando as expectativas das outras pessoas. Ninguém ficará contente se ela for combativa, corajosa, leal, independente; preferem que ela seja dócil, conformista, medrosa e hipócrita.

Cuidado com as revistas e livros

Você já leu «Luluzinha» e «Bolinha»? No clube do Bolinha ME-

NINAS NÃO ENTRAM. O grupo de amigos tem uma atividade muito intensa e as meninas só vão atrapalhar. Os garotos exploram cavernas, constroem barcos, lutam com outros meninos. As amigas de Luluzinha sorriem, são boas alunas, brincam com bonecas, lavam cachorrinhos, fazem bolos. Luluzinha até que é brigona. Tenta entrar no clube dos meninos, mas é sempre derrotada. A pobre da Bolinha não consegue atrair os olhares do menino que ela gosta - raposo - porque é feia. O grande amor dos meninos do clube do Bolinha é a Glorinha: linda, penteada, educada, quieta e bem vestida.

Esta imagem da mulher não aparece apenas nas histórias em quadrinhos. Elas são comuns também nos livros: as atividades interessantes são reservadas aos meninos, enquanto as meninas são apresentadas como criaturas deliciosamente bobas ou nobres auxiliares. Atendem para estas duas passagens: «Luzia acabou de enrolar as tranças em espiral sobre as orelhas e sorriu para a sua imagem, refletida no espelho. Estava tão contente de sua formosura, de sua graça de mulherzinha em botão, que se mirava e remirava, perdendo a conta do tempo de pentear-se». (*) Essa é a menina. Vejamos agora o menino: «Budião sabia pescar siri com isca de carne, assoviar chamando a moréia.

Nadava como peixe (...); trepava em coqueiro como sagüi; sabia pular o muro do sítio dos padres, todo erigido de cacos de vidro, só pelo gosto de chupar um caju roubado» (*). A figura dos adultos também é estereotipada. O ho-

mem é o conquistador, o sedutor e aquele que trabalha para sustentar a família. A mulher é a mãe típica que trabalha na cozinha. Quando ela trabalha fora, as ocupações são subordinadas, de pouco valor e consideradas femininas por tradição: datilógrafa, enfermeira, doméstica, professora. Às vezes, aparece uma cientista. Só que é casada com um cientista, que é ainda mais importante do que ela.

Esse bombardeio de discriminação é muito sério, porque os divertimentos e os livros são poderosos professores. Através deles as crianças aprendem modelos de comportamento e de sentimentos que procuram imitar. As diferentes formas de literatura infantil reforçam imagens tradicionais, fazendo com que os preconceitos e tabús sejam cada vez mais arraigados entre as crianças. Embora existam meninas que saibam jogar futebol e meninos que apreciam brincar com bonecas, a literatura infantil faz questão de esquecê-los, lembrando-se somente das meninas frágeis e dos meninos corajosos.

Bonecas e carrinhos para todos

É claro que toda essa diferenciação não ocorre em vão. Os jogos, a literatura preparam as crianças para funções que deverão desempenhar na família e na sociedade e encaminham para escolhas mais ou menos coagidas nos estudos, no trabalho, na vida futura. Trata-se de uma exigência da nossa sociedade, que pretende conservar e transmitir determinados valores, entre os quais o mito de que a mulher é «naturalmente» inferior ao homem. Entretanto, não existem qualidades masculinas e femininas, mas sim qualidades humanas. É pena que não se permita à menina desenvolver a sua criatividade ou sua força, como também é um grande erro não permitir aos meninos desenvolver uma relação de afeto e carinho.

Um garoto que pega uma boneca e faz carinho, é violentamente reprimido. O afeto é visto como um sentimento de «maricas». A nossa luta portanto, não é a de fazer com que as meninas se comporte como os meninos, mas a de criar condições que dêem a cada indivíduo, desde o seu nascimento, a possibilidade de se desenvolver do modo que mais lhe convenha. Independentemente do sexo ou grupo social ao qual pertença.

(*) Citado por Fúlvia Rosemberg em «A Discriminação contra a mulher e a Educação Informal», depoimento apresentado em 28/04/77, à COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO SOBRE A SITUAÇÃO DA MULHER.

Esta matéria foi baseada no livro de Elena G. Belotti, O Descondicionamento da Mulher, ED. Vozes, 1975. O objetivo da autora é o de mostrar que a diferença entre homem e mulher não se deve a fatores naturais, e sim aos condicionamentos a que as crianças são forçadas durante todo o seu desenvolvimento.



A vida ficou mais fácil com os eletrodomésticos. É a opinião de quem pode comprá-los. Mas a vida dos trabalhadores que produzem os eletrodomésticos continua muito difícil. E quem quiser saber por que, basta ler o que contam as operárias do setor Eletro-Eletrônico.



Elas produzem comodidade

A fábrica só pára aos domingos. Nos outros dias da semana, 3 turnos de operários, trabalhando 8 horas diárias, põem em movimento máquinas produzidas por outros trabalhadores. Assim, montando peças, atarrachando parafusos, ligando fios, mais de 3 mil operários vão produzindo enceradeiras, aspiradores, batedeiras, enfim, os eletro-domésticos. A grande maioria dos operários é constituída por mulheres que dificilmente podem comprar os produtos que foram criados pelo seu próprio trabalho. **Elas são as operárias do setor eletro-eletrônico.**

A fábrica fica num subúrbio de São Paulo. Quando as repórteres de **Nós Mulheres** chegam, num dia ensolarado de julho, o relógio marca meio-dia e meia. O primeiro turno de trabalhadores está saindo para o almoço. Homens e mulheres saem por um longo corredor, cada sexo de um lado. Um guarda vigia discretamente a saída. Como a fábrica não tem restaurante, os trabalhadores espalham-se pelos terrenos baldios, ao redor, comendo fruta ou um sanduíche. As mulheres que saem são, no geral, jovens, entre 20 e 30 anos. Sentam-se por perto do portão da fábrica; algumas isoladas, outras em grupos maiores ou menores. É raro ver uma mulher conversando com um homem. Vamos chegando perto dos grupos, propondo uma entrevista, que começou assim:

NM - Porque você trabalha?
Trabalho porque preciso, né?

NM Você gosta de trabalhar?
Gosto mais ou menos. Afinal, quem gosta de trabalhar?

(Nair é quem responde. Ela tem 16 anos e foi a primeira que se dispôs a dar uma entrevista. Suas colegas vão chegando aos poucos, desconfiadas. A conversa inicialmente foi difícil. A repórter dirige-se às outras operárias, que aos poucos vão falando e animando-se com a discussão.)

NM - Vocês são casadas ou solteiras?
Das 8 operárias que estão em volta da repórter, duas são casadas. As demais são solteiras.

NM - O que vocês fazem aos domingos?
Não vou a lugar nenhum. Quase não saio. É muito difícil eu ir a um baile. É o único dia que tenho para dormir.

Domingo é o único dia que a gente tem para dormir. (Nisso todas estão de acordo. Olha, sábado a gente trabalha até meio-dia. Todos os dias a gente tem que começar às 5 h 30 e trabalhar até 2h 30. A parada para o almoço é das 12h 30 a 1h 30. Eu tenho de acordar às 4 da manhã e só volto para casa à pelas 4h30 da tarde. Eu estudo à noite, das 7 às 11h30. A única coisa que eu quero quando chego em casa, desmaiada, é dormir.

NM - Vocês enfrentam algum problema por serem trabalhadoras, isto é, por serem mulheres, aqui dentro da fábrica?

Aqui dentro, os homens encaram a gente como se fosse um putero. É como se fosse uma zona. Mesmo sendo moça, eles não dão valor.

E, eles não dão valor (concluem todas quase num coro).

NM - Com isso se manifesta, quero dizer, como vocês notam isso?

A gente nota isso pela porta do banheiro. Tem escrito assim: «Se puta fosse flor, a fábrica seria um jardim!»

Os caras escrevem besteiras, fazem piadas, mandam recados. E só mandam recado do tipo para transar, nunca é coisa séria. Até quando a gente sai da fábrica é a mesma coisa. Mesmo na rua.

Até os rapazes de fora, quando sabem que a gente trabalha aqui já querem transar. Ninguém respeita as mulheres daqui. Se trabalha aqui, não presta.

NM - Mas por que isso, tem alguma razão?

Eu acho que é por causa de algumas mulheres. E, não são todas, mas eles acham que é tudo igual. Até as menores eles tratam assim. Está errado. (Há muitas menores trabalhando na fábrica.)

NM - Agora, eles chegam a dar algum tratamento ou fazem alguma coisa que ofenda vocês?

Comigo nunca teve nada, pois eu não dou confiança. Eu não falo com nenhum homem. O meu namorado trabalha aqui. Pois nem com ele eu converso, enquanto estou na fábrica.

NM - E com outras mulheres, já teve algum problema?

Que eu saiba não. Fica mais na coisa de mexerem com a gente, de fazerem piadas.

NM - Eles (a fábrica) costumam dispensar as mulheres grávidas?

Antes eles faziam isso. Agora não. Mesmo quando a mulher prefere ser mandada embora, eles não despedem. A gente é que tem que pedir a conta e assim perde os direitos.

NM - Aqui tem creche?
Creche? Nem refeitório, quanto mais creche!

NM - Vocês sabiam que existe uma lei que diz que as fábricas com mais de 30 mulheres de acima de 16 anos de idade são obrigadas a ter creche?

Sabia, mas aqui não tem. E aqui tem mais de mil mulheres casadas com filhos.

Tem mais mulher do que homem.

NM - E nunca ninguém falou aqui na hipótese de construir uma creche?

Que nada! Aqui eles só pensam em chegar no fim do mês e pagar a metade do pagamento da gente, roubando.

(Uma operária aproxima-se do grupo, a repórter explica-lhe do que falam e per-



gunta o que ela acha da fábrica.)

Aqui alguém já falou dos chefes? Hoje, meu chete, quando apitou o fim da hora do café, eu estava ainda mastigando e ele veio brônquear. Ai eu falei: «É só porque você quer! Só porque apitou, você pensa que eu vou jogar o alimento fora?» Ai, ele falou: «Eu, em 10 minutos arrumei o martelo, tomei o café». Eu falei: «Isso é você, mas só porque você corre assim não precisa pensar que todo o mundo é igual».

NM - Tem algum problema com os chefes de seção? Eles tentam alguma coisa com vocês?

Os chefes, não! Quer dizer, só com as mulheres à toa. Ai é diferente. Ai eles fazem tudo com elas. Eles respeitam a gente.

NM - Quer dizer que eles tratam vocês bem?

Eles respeitam nesse ponto. Agora, tratar bem eles não tratam. Pelo menos o meu chefe não é nada legal. Mandam a gente calar a boca. Xingam.

É, a gente nem pode falar. Tem de ficar o dia inteiro sem falar.

É, e sem comer (em coro). Só dez minutos para o café.

Eles brigam com a gente por qualquer

coisinha. Põem as meninas da seção de castigo. O dia inteiro trancadas numa sala. (Cada operária vai adicionando uma frase.)

NM - E além desse castigo, eles descontam o salário?

Não, o salário eles não descontam. Mas também se eles descontarem mais do que já descontam, o que vai sobrar! (risos)

Se chegar um minuto atrasado já descontam: Perde o domingo, o feriado.

NM - Só um minuto?

É, de manhã eles deixam 6 minutos de atraso, mas na hora do almoço basta um minuto de atraso para você não ganhar pelo domingo.

NM - Como é?

É isso mesmo. Se na quinzena (a gente é pago toda quinzena) a pessoa atrasa um minuto, na hora do almoço, perde um domingo.

A gente já ganha uma mixaria, ainda perdendo o domingo!...

E se a gente faltar um dia também perde o domingo.

NM - Aqui tem trabalho noturno para mulher?

Não, só para homens.

NM - E vocês acham que deveria ser permitido o trabalho noturno também para as mulheres?

Deus me livre!

Claro que sim.

Tá louca! Imagine se eu vou deixar meu maridinho sozinho e vir trabalhar à noite!

A gente já dorme tão pouco.

Trabalhar à noite com esses homens daqui? Deus me livre.

Não culpe só os homens. Também tem mulher que dá bola...

É, tem muita mulher que é assaninada.

NM - Por que você gostaria de trabalhar à noite?

Porque é legal. Eu queria trabalhar à noite.

É, ganhando o dobro eu também queria.

A noite todo mundo ganha mais (João, um jovem operário que se juntou ao grupo é quem dá a informação.)

NM - Mas vocês não acham que o salário diurno é que deveria ser aumentado?

É, a gente ganha uma mixaria. Claro que devia aumentar.

Já aumentou. A gente tava ganhando... quanto mesmo?

Cr\$ 6,24 (a hora). Agora veio para Cr\$7,18. Mas a gente ganha menos!

Sempre a gente ganha menos, menina! Eles roubam cada vez mais.

Não sei o que eles fazem, só sei que a gente ganha menos.

Pois é, antes eu ganhava 600 cruzeiros, agora continuo ganhando 600 cruzeiros. Esta quinzena todo o mundo recebeu assim.

Eu recebi 628 cruzeiros.

Eu ganhei ainda 795 por causa do salário das minhas duas filhas.

NM - Como?

É, o salário-família, das minhas duas filhas.

(Todos continuam falando e discutindo em quanto foram roubados.)

É, até hora extra eu fiz e não recebi.

É por isso que eu não faço hora extra. Eu faço hora extra. Mas eu marco elas

direitinho. E sempre um dinheirinho a mais. Se você faz 20 horas extras dá um dinheiro que eu preciso. Estou até sentindo falta de hora extra. Agora não temido.

NM - E vocês acham que deve haver trabalho noturno para o homem?

É, para os homens. Para as mulheres não.

Não deveria nem ter isso de entrar às 5h 30. Deveria ser às 7h00.

Ah! Eu não. Prefiro das 5h30 da manhã. Não gosto de ficar presa. Imagine ficar o dia inteiro aí. A gente sai de casa de noite e volta de noite.

NM - Mas para os homens, vocês acham que está certo trabalhar à noite?

Para os solteiros sim. Para os casados não dá certo. De dia os homens não têm sossego, as crianças fazem barulho, vizinho; eles não dormem direito. À noite foi feita mesmo para descansar, não tem jeito. (risos)

Os homens ganham tanto aqui quanto as mulheres!

Você imagina!

É, já começa por aí.

NM - Vocês ganham a mesma coisa?

A mesma mixaria.

Tanto faz, não tem separação, ser casado ou solteiro.

Tem homem aqui com 7 filhos ganhando essa mixaria, a mesma quantidade das mulheres. E paga um milhão de aluguel. O que sobra para eles?

Que um milhão, menina! Já não tem mais aluguel de um milhão. Agora é só um quarto por um milhão.

NM - Vocês acham que os homens deveriam ganhar mais?

É, eu acho. Os pais de família, já pensou?

NM - So os homens?

As mulheres também têm de ganhar bem.

NM - Vocês acham que o salário dos homens deve ser igual ao das mulheres?

Eu acho que quando as mulheres fazem o mesmo serviço, né?

E aqui a gente faz o mesmo serviço. Ai não tem separação.

NM - Aqui o salário é igual, não é?

É. E por que menor, que faz o mesmo

trabalho, ganha muito menos?

Eu trabalho na linha e ganho muito menos (diz Nair).

É. Ela trabalha com a gente. Trabalha a mesma coisa. Mas como é de menor eles pagam muito menos. Isso aí é que é errado também.

Errado também está eles exigirem produção e não pagarem por produção.

Quem trabalha na autorama fica o dia inteiro sem sair do lugar. Ai tem que dar produção, pois o autorama não pára. (Ou seja, elas ganham por hora, mas os chefes fixam cotas de trabalho. O autorama, que é uma esteira rotativa, é sempre posto a funcionar um pouco mais depressa. Nesse caso, elas são obrigadas a trabalhar num ritmo mais rápido, produzem mais mas, apesar disso, ganham os mesmo 7.18 cruzeiros).

Eles nunca estão contentes. Hoje pedem um tanto, você dá. Amanhã eles já querem mais.

É, e aí ficam xingando, gritando com você.

E aquele chefe, o Pedroso, se lembra?

É, ele não deixava a gente ir ao banheiro. Dizia que ele ficava o tempo todo sem sair e a gente tinha que ser que nem ele.

Vai ver que ele andava com um piniquinho!

Tem de ir só uma vez ao banheiro. E a gente fica o dia inteiro trancada aí.

E eles controlam o tempo!

NM - Controlam o tempo?

É, se você demora, eles vão bater na porta do banheiro.

E quando a gente está doente? Toma remédio sentado no autorama. Pode estar morrendo.

A gente fica com o corpo moído, morrendo de dor de cabeça. Mas eles não deixam a gente sair. A gente está ruim mesmo. Só dão um comprimido. Você já pensou? Ficar sentada desde a hora que chega até ir embora?

Vocês estão esquecendo o problema do café.

É, o café! (coro)

É tomar e morrer. Aquilo não é café!

E uma água suja que não tem nem pó. E dizem que põem leite!

Que leite, que nada! É água de lavagem.

Eu não agüento tomar. E a gente não pode trazer garrafa térmica. Antes podia, agora não.

NM - E eles dão comida?

Que nada! Nem restaurante tem. Só para eles.

É, para eles tem comida boa. E que café!...

Precisa sentir o cheiro. É feito de pó de verdade. Que coisa boa!

Mas é só para eles. Prá gente, que camela o dia inteiro, nada!

Eles deviam é colocar um restaurante.

NM - E você não fala nada?

Que nada! Quem falar?

É o dia do pagamento? É o maior inferno. A gente fica na fila das 2h30 às 4 horas. Chuva ou sol. Isso duas vezes por mês.

Mulher grávida. Tudo. Tem que ficar na fila.

Aqui está cheio de problemas. É só problemas.

E o vestiário? Mais de mil mulheres, tudo apertado. Não tem lugar.

Mil? Tem muito mais. Põe gente aí.

E o banheiro?

NM - O que tem o banheiro?

É uma imundice só. É um horror.

É cheio de xingamento escrito.

É, tem tanto problema. Se fosse resolver...

NM - E o que vocês fazem?

Não se faz nada. Fica comentando uma com a outra. Só reparando...

O TEATRO ANDA NAS RUAS

Um pequeno grupo de pessoas de um bairro paulista resolveu fazer teatro no meio da rua. O resultado foi impressionante: a alegria contagiou todos os moradores da comunidade e a participação, hoje, é de todos.

Jardim Brasil - um bairro em São Paulo que até seis meses atrás contava só com o Silvio Santos pra se distrair aos domingos. Ninguém nas ruas. E se se prestasse atenção ao som que vinha das casas, ouvia-se... «Seu Silvio Santos, fique mais um pouquinho, você é admirável, você é admirável, o auditório é formidável...»

Até que um grupo de jovens, de quinze a vinte e três anos resolveu formar um grupo de teatro: o Sarabanda.

Uniram-se e mandaram um pedido para a Prefeitura, para que fosse interditada uma das ruas do bairro, aos domingos. O pedido foi aprovado e nasceu mais uma rua de lazer. O pessoal do Sarabanda pensou: «Agora temos uma rua só pra gente, pra pessoas do bairro. Então vamos montar uma peça e ensaiá-la todos os domingos à tarde, com a participação de quem estiver por lá, crianças e adultos.»

No início não foi fácil. O pessoal do bairro ria, cochilava, afinal de contas, só estavam acostumados a ser espectadores, sentados em frente à televisão. Mas com o tempo, todos começaram a se interessar, a participar. Tanto assim que hoje existem 6 grupos na zona Norte, fazendo não só teatro, como também música e dança.

«Aceitamos qualquer convite, mesmo que o local não tenha condições para apresentação, e em agosto vamos inaugurar uma rua de lazer na Vila Maria» diz um dos entusiasmados participantes.

A primeira peça escolhida pelo grupo foi «Da Lapinha ao Pastoril», que faz parte do folclore nordestino, adaptada por Luiz Mendonça e apresentada em duas partes: sacra e profana; os atores dividem-se em dois cordões: cordão encarnado e cordão azul, e é a maior torcida do público que está assistindo, isto é, todos acabam participando. «No Nordeste - diz um dos membros do grupo - uma peça de teatro normalmente é dedicada a um coronel, ao invés de ser dedicada ao trabalhador rural. Nós preferíamos nos dirigir às pessoas que estão na rua, assistindo a peça. Às vezes sai até o hino do Corinthians.»

Nos ensaios nada é fixo, e de um fim de semana para o outro as falas dos atores variam muito, porque cada um vai criando o seu personagem e improvisando.

Tudo é criado pelo próprio pessoal. Todos os membros do grupo trabalham durante o dia, uns em bancos, outros em escritórios, e a

maioria estuda à noite. Mas a experiência está sendo tão boa, que eles aproveitam todas as horas de folga para fazer as fantasias e o cenário.

O pessoal do grupo já ouviu, de gente que passava pela rua na hora do ensaio, o seguinte comentário: «É gente da TV Globo!» ou então «Aqueles ali trabalha na televisão!», porque as pessoas só estão acostumadas a isso. Sarabanda tem também um jornalzinho semanal, que além de divulgar as atividades da rua de lazer preocupa-se com os problemas que atingem mais diretamente a comunidade.

O pessoal do grupo encontrou tanta curiosidade e interesse por parte das crianças, que propõe que elas montem uma peça de improviso, lançando apenas a idéia.

«Domingo passado sugerimos que encenassem o «Chapeuzinho Vermelho». Havia 70 crianças; 26 queriam ser o Chapeuzinho; 15 o Lobo Mau, 6 Caçadores, 3 mães, 5 vovozinhas e os outros quiseram ser árvores, borboletas...»

Uma mãe, depois de ver sua filha no meio dos atores, brincando de pastora, pegou um bumbo e saiu tocando... «Este era o instrumento que eu tocava na bandinha da escola...»

«Às vezes um pai da família descobre que, debaixo da cama ou em cima do guarda-roupa, estava escondido, empoeirado, um instrumento de percussão. Ai ele sai de casa pra fazer parte do bloco, ativo, descobrindo a rua em que moram as pessoas. Esta é a nossa preocupação, fazer com que as pessoas percebam que teatro é todo mundo brincando junto, mostrar que todos nós somos atores, é só participar. O medo e a vergonha não nascem com a gente, nos acostumamos a eles.» «É preciso sair de casa e juntar-se às outras pessoas» - como diz o personagem velho Valdemar - «Querem calar a festa, é verdade. Eu pergunto: quantos espetáculos estarão acontecendo neste momento? Nós somos poucos... somos um povo triste, e portanto, mais do que nunca é preciso segurar a peteca! Não deixá-la cair... É preciso que você, sim, você, o outro ali, o senhor, possam realizar o espetáculo. Porque, meus senhores, não requer prática nem tampouco habilidades. Qualquer criança brinca, qualquer criança faz o que eu faço, e esta é uma noite de muita alegria, e este é o Grande Pastoril do Valdemar.»

MIREM-SE NO EXEMPLO



**Esta peça é dedicada a todos os movimentos de libertação feminina e a todas as feministas que tanto me ajudaram a escrevê-la, com seus livros, suas pesquisas, seus exemplos e suas vidas'.
Augusto Boal.**

Augusto Boal é um dos homens mais importantes do teatro brasileiro. Fora do País desde 1970, mora hoje em Lisboa, onde exerce sua profissão, ajudando a enriquecer o teatro português.

No dia do encerramento do encontro da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência, realizado este ano na PUC (Universidade Católica), uma de suas últimas peças, «Mulheres de Atenas», foi lida para um público de mais de três mil pessoas. Várias atrizes e atores famosos (Bibi Ferreira, Ruth Escobar, Armando Bogus etc.) estavam no palco para contar uma história sobre «mulheres, escrita por um homem e que expressa conseqüentemente um ponto de vista «masculino», mas de nenhuma maneira machista».

«Mulheres de Atenas», apesar do nome, conta uma história muito atual: o caminho e a luta de libertação da mulher.

Atenas está em guerra contra Esparta, uma outra cidade grega, e as mulheres sentem a ausência de seus homens. Resolvem então acabar com a guerra. Como? Liza, a mulher de um general famoso propõe a outras mulheres uma greve de sexo!

Assim começa a peça:

«Silêncio, muita atenção!
Vamos contar uma história delicada, complicada.
Silêncio, muita atenção!
-A guerra é o nosso tema!
Contra quem? Não sabemos quem pode ser o inimigo, nem quais os aliados neste combate antigo.
Os inimigos dormem na mesma cama,

o escravo come na mesa do senhor
Como saber quem é quem? Quem mata? Quem morre?
Quem é o mais covarde e quem

tem mais valor?

As armas destes soldados são armas que não se vêm. Eles se beijam na boca, se amam, se querem bem. Fazem carinho na cama; têm filhos, como convem. Muitos morrem neste drama, muitos se ferem também. Mas não se dispara um tiro, nem uma espada se saca; com um sorriso de fere, com um suspiro se mata.

Depois de muitas peripécias, as mulheres conseguem, juntamente com as espartanas, que a guerra termine e seus homens voltem aos lares. Entretanto, desde que a vida volta à normalidade, percebem que na realidade quase nada mudou.

Os homens continuam a maridar na vida política e social e elas não têm nenhum direito. Resolvem de novo se unir e se fantasiam de homem, para votarem leis que lhes dêem maiores direitos.

Uma longa discussão se passa entre mulheres fantasiadas de homens e homens fantasiados de mulheres. Liza propõe a igualdade entre homens e mulheres e de repente se dá conta, de que para isso, é preciso também acabar com a escravidão. Nessas alturas não são mais homens e mulheres que brigam, mas senhores e escravos que se afrontam.

«Agora sim, está muito claro quem está brigando e de que lado está. É a guerra.»

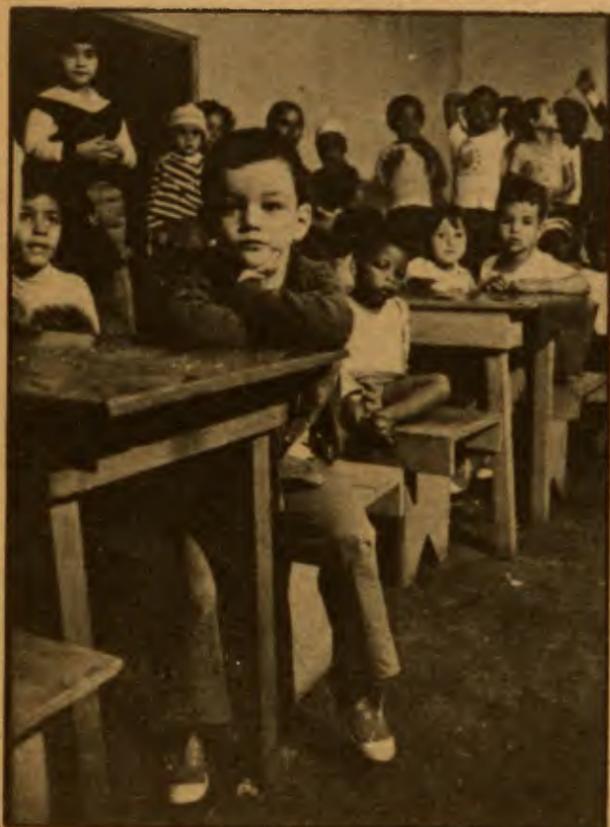
A peça termina assim:
«Aqui termina, senhores, uma história que começa.

Lá fora começa a luta, aqui termina esta peça.

Nós todos aqui cantamos, com muita sinceridade; tratem já de descobrir onde estará a verdade.»

mais uma vez:

CRECHE!



O problema de sempre. Muitas crianças para poucas creches, ou melhor, pouquíssimas creches para milhares de necessitados. Afinal, de quem são os direitos e deveres nessa história toda?

Pegar criança no colo deixa mal-acostumada. Criança deve ser criada no berço. Apesar de tais idéias, tão comuns em nossa cultura repressiva, sabe-se que o prazer do contato entre mãe e filho é direito dos dois. Principalmente no primeiro ano de vida, o beijo, o abraço, o seio, o contato com os olhos e o sorriso devem compor o universo da criança que acabou de chegar a quer ser aceita. Junto aos cuidados de higiene e alimentação, ela tem o direito e necessidade de ser carinhosamente introduzida no difícil aprendizado da vida nesta sociedade.

mas, isso é pedir muito para uma criança nascida no Brasil de hoje. «Com a barriga na miséria nasci brasileiro» diz a música de Chico Buarque; só que a censura obrigou a substituir *brasileiro* por *batuqueiro*. Hoje as mães têm que «arrancar a vida com a mão». Precisam sair para trabalhar fora de casa e, ainda que esse trabalho seja mal remunerado, cansativo e repetitivo, ele é parte importante do longo caminho de libertação das mulheres e do ser humano.

De volta à casa, ela ainda tem tudo por fazer: lavar, limpar, comprar comida para poder cozinhar. Pois o homem, conforme indicou estudo recente da Fundação Carlos Chagas, é seu companheiro esporádico e ausente. Entre os mais pobres, as famílias são centralizadas na mãe, que é quem cuida, mantém e educa as crianças. Atualmente, em nosso país, o nascimento e educação das crianças não é assumido como aquilo que na realidade é: a maior riqueza do País. (Como a terra, a criança bem cultivada contribuirá certamente para a formação de um país saudável, forte e inteligente.)

A creche é desesperadamente necessária para a mulher que trabalha

Há muitas mães deixando os filhos trancados no quarto, ao sair para buscar seu pão. Ou então, pagando metade de seu salário para outra mulher tomar conta dos seus filhos, enquanto vai trabalhar na fábrica, no hospital, ou, freqüentemente, na casa de uma terceira mulher, onde olha suas crianças e faz a limpeza.

Raras são as mulheres que conseguem matricular seus filhos numa creche onde paguem

pouco ou nada, tenham condução mais ou menos fácil e fiquem tranqüilas ao saber que os filhos estão sendo bem cuidados. (Estão crescendo as creches particulares em cidade grande como São Paulo. Mas são creches específicas para mulheres da classe média para cima: deixar a criança em período integral custa por volta de Cr\$ 1.500,00 mensais.) As creches disponíveis à mulher trabalhadora são poucas. Para falar somente na cidade do Rio de Janeiro, não conseguem atender mais do 1,3% da população necessitada. Considerando-se que cada uma das 510 mil trabalhadoras lá existentes tenha apenas um filho em idade pré-escolar - de um mês a seis anos - o número de vagas torna-se ridículo: 6 800 vagas nas 90 creches espalhadas pela cidade. Em São Paulo o problema não é menos grave.

«Sabemos que a criança entre zero e três anos necessita de uma assistência toda especial e a mãe que trabalha não pode fornecê-la ao seu filho. Por isso procuramos dar todo o carinho que a criança necessita na ausência» (Palavras de Felipe Soares Baptista, advogado, titular da Coordenadoria de Bem-Estar Social, órgão da Prefeitura responsável pelas creches - entre outras coisas - em São Paulo).

A realidade, porém, é outra. Há apenas quatro creches gratuitas nesta cidade de quase dez milhões de habitantes. São as chamadas creches diretas, que têm tudo fornecido pela prefeitura: prédio, funcionários, material didático, equipamento. Essas creches prevêm, por exemplo, um espaço de dez metros quadrados para cada criança, além de local para piquinhos e lugar para as crianças tomarem sol e serem amamentadas. Nas creches diretas é possível esse tipo de atendimento, não apenas em termos de espaço e alimentação, mas também no atendimento pedagógico: a prefeitura é um patrão mais rico e paga melhor seus funcionários, que são mais especializados.

Mas isso não faz parte da realidade de todas as outras creches indiretas ou de convênio. Elas recebem verbas e assistência da prefeitura, algumas vezes o prédio também. Mas aqui a situação é outra.

«Aqui tem muita disenteria e vermes, a gente é muito necessitada»

A comunidade de Burgo Paulista, subúrbio da zona Leste, se reuniu na paróquia do bairro e com trabalho comunitário deu início a uma creche que está agora comemorando dois anos. Falar sobre ela «é um desabafo» para as mulheres que trabalham lá, pois as dificuldades são muitas. São 65 crianças distribuídas em três salas, uma delas com sacas de cimento e uma enorme tela armazenadas. O desabafo continua: «Temos convênio para apenas 50 crianças. Mas há outras 15. A verba é paga para apenas 70% das 50 crianças - a partir de agosto aumenta e vamos receber 437 cruzeiros para cada uma delas. Mas isso só até a criança completar seis anos. Com seis anos e um dia eles já não pagam mais. O que vão fazer essas crianças até os sete, idade de entrar na escola?»

«Elas chegam magrinhas, debilitadas. No começo são tão fracas que nem reagem. Quando começam a bater, virar malandra, a gente sabe que já estão melhores».

O grande problema do pessoal da creche e a segunda-feira. As crianças não recebem ou recusam a alimentação da casa. Voltam do fim de semana fracas, com disenteria: «Tem segunda-feira que não tem privada e piquinho que dê conta».

O médico? O médico é um só, e fica no prédio da Coordenadoria do Bem-Estar Social, à rua Pedro de Toledo, Vila Mariana, para atender aos

chamados de todas as creches ligadas à Prefeitura. Claro que isso é uma ilusão. Em caso de necessidade elas recorrem ao Pronto Socorro do bairro. Disenteria, resfriado e febre são tratados na creche mesmo.

As mulheres que trabalham ali ganham todas o salário. Nas férias, aparece uma voluntária, estudante. Elas olham as crianças, trocam, dão comida, pegam no colo, pela mão, cuidam da limpeza, da cozinha e da parte administrativa. Apesar de tudo, são sorridentes e solidárias.

A visita da assistente social (parte da «assistência técnica» fornecida pela Prefeitura) é muito apreciada. Mas ela é irregular, conforme os ventos.

«Nenhuma taxa é cobrada nas creches diretas. As crianças de zero a três anos têm direito a creche sem que seus pais paguem nada por isso. (O Coordenador)»

A Prefeitura tem um calhamaço de quase 50 páginas onde define a «Organização e Funcionamento da Creche». Ali há, com pormenores, todos os cuidados que as crianças de zero a três anos devem receber. (Todas as crianças da cidade, do País, deveriam receber cuidado enquanto seus pais vão colaborar com o crescimento econômico da nação.)

Ma qual o quê. «Não haverá mais creches diretas», diz o coordenador, «fora as que serão construídas até o fim do ano, em Guianazes e São Miguel Paulista.» Em sua sala, com ar condicionado e carpete, ele se refere à falta de verbas da Coordenadoria para levar adiante o programa de creches diretas. O novo plano é o das mini-creches, com capacidade para mais ou menos 50 crianças.

Esse plano, quando surgiu, era para começar com a construção de 20 mini-creches. Depois diminuiu para dez e, agora, para quatro. Ou seja, sobrarão, presas nos quartos ou largadas pela rua, um número enorme de crianças - futuros cidadãos brasileiros.

O que é necessário para se conseguir uma creche?

O plano das mini-creches é de fazer apenas convênio. Uma organização de bairro (clube de mães, associação de donas de casa etc.) ou entidade religiosa dá início ao serviço e o poder público entra com assistência técnica e verba para 70% das crianças. O que é preciso para se conseguir isso?

A entidade precisa provar que tem condições de fazer funcionar uma creche, basicamente o prédio. Depois deve entrar na fila dos convênios, a promessa, por parte do coordenador, de que seria construída uma creche dentro em breve naquela zona. Elas conseguiram isso indo com freqüência à Coordenadoria, em número nunca inferior a trinta. Quando o coordenador não estava, ou mandava dizer que não podia atendê-las, elas diziam: «Não faz mal, não temos pressa. Ficamos aqui até ele poder nos atender, ou então até ele chegar». Com isso elas conseguiam ser atendidas. Essas creches são chamadas CRECHES DE PRESSÃO.

É fora de dúvida que o poder público, no caso, a Prefeitura, é quem deve assumir inteiramente a educação dos futuros cidadãos do País. Mas é também certo que não se pode ficar à espera de uma solução, que sozinha não vem. Agitar a questão nas associações do bairro, levar a reivindicação à Administração Regional (para onde a prefeitura descentralizou seu poder administrativo) é talvez etapa necessária nesse longo caminho de luta pelo atendimento das necessidades básicas, e apenas básicas, de nossa vida enquanto mulheres trabalhadoras.

PÍLULAS PARA MILHÕES

-Não se esqueçam, nós somos apenas 200 milhões (falando da população dos EUA) num mundo de 3 bilhões. Eles cobiam o que nós temos - mas nós não vamos dar o que eles querem.» (Lindon Johnson, ex-presidente dos EUA.)

Desde 1965, embora não houvesse um programa oficial definido, a Sociedade Brasileira de Bem-Estar Familiar (Bemfam) vem desenvolvendo uma política de controle de natalidade, limitando-se, na prática, a distribuir, sem nenhuma orientação, milhões de pílulas anticoncepcionais. Em 1971, o Governo Medici a reconhece, apesar das graves denúncias, como entidade de utilidade pública. Desde então, a Bemfam, sustentada por fundações internacionais, sobretudo norte-americanas, passou a receber também a ajuda dos governos estaduais.

Hoje, a Bemfam possui 75 clínicas espalhadas pelo País e mantém convênios com Secretarias de Saúde e programas próprios em 12 Estados. Segundo o porta-voz oficial da entidade, Márcio Ruiz Schiavo, atende anualmente cerca de 300 mil mulheres.

O que leva os países ricos a financiarem tão generosamente uma política de controle da natalidade? Por que estes países se interessam em que as famílias no Brasil (não só aqui, mas também em outros países subdesenvolvidos) tenham poucos filhos? Esse interesse pode ser motivado, em primeiro lugar, pelos seguidores de Malthus (economista inglês que viveu há 200 anos), que acham que o crescimento da população deve ser controlado, pois não há condições de alimen-

tar todo mundo. Esta teoria, que muitos defendem ainda hoje, não tem fundamento, pois se a população cresce, as possibilidades de alimentar um número maior de pessoas também crescem.

Além disso, o controle da natalidade não diminui a taxa da natalidade, não melhora o nível das populações pobres nem acaba com as tensões sociais, como alegam os seguidores de Malthus. Na Índia, por exemplo, o governo obrigou os homens com mais de dois filhos a fazer uma pequena operação (a vasectomia) que os torna estéreis (incapazes de ter filhos) para o resto da vida. Mesmo assim, as condições de vida não melhoraram. Em segundo lugar, os países poderosos visam o lucro que o comércio de pílulas anticoncepcionais traz. Segundo Ricardo Tavares, demógrafo do Instituto de Medicina da Universidade do Rio, o Brasil representa um bom mercado: «tem 100 milhões de habitantes, dos quais 50 milhões são mulheres e, entre elas, 25 milhões em idade fértil. Um programa com base na pílula anticoncepcional, que é fabricada por indústrias estrangeiras, representaria um faturamento bruto de Cr\$ 250 milhões a Cr\$ 300 milhões». Ou seja, o salário mínimo somado de 300 mil pessoas, «uma população equivalente à de uma cidade do porte de Santo André».

DENÚNCIAS E MAIS DENÚNCIAS

A Bemfam tem sido alvo de constantes denúncias. Em 1968 uma Comissão Parlamentar de Inquérito investigou denúncias segundo as quais a Bemfam teria esterilizado três mil mulheres na região da estrada Belém-Brasília e

estaria distribuindo anticoncepcionais em massa. Mas, como acontece com toda CPI, nada ficou provado.

Mas ficou confirmado que a Bemfam não faz o que diz, como mostra Opinião (nº 46, outubro/73): «... segundo Walter Rodrigues, diretor executivo da Bemfam, as clínicas esclareceriam os pacientes sobre a responsabilidade que têm para com os filhos nascidos ou por nascer, combater o aborto, oferecer tratamento para casais estéreis, exames de prevenção do câncer ginecológico».

Ao invés disso, a atividade da Bemfam se resume em distribuir maciçamente pílulas anticoncepcionais, muitas vezes condenadas, conforme denúncia feita pelo «Jornal do Brasil» (1/6/77): «A Bemfam está distribuindo anticoncepcionais da marca Anacyclin, proibido nos Estados Unidos (...). A secretária da Bemfam (...) confirmou que há três anos a Bemfam desta capital (Curitiba) não oferece os serviços de assistência social ou orientação, pois simplesmente não temos».

Sabe-se também, através de técnicos do Ministério da Saúde, que em 1972 a Bemfam colocou indiscriminadamente DIUs em mulheres nordestinas sem o conhecimento delas. Fato que a incrimina duplamente, uma vez que ainda não foi provado se o DIU é ou não um método abortivo.

A distribuição das pílulas, por outro lado, é feita sem nenhuma explicação. Junto com os anticoncepcionais, as mulheres recebem um folheto que não traz uma única palavra sobre os perigos das pílulas. Em lugar disso, apenas recomendações que não merecem confiança.

No caso de não vir a menstruação, por exemplo, deve-se suspender imediatamente o uso da pílula, pois há grande probabilidade da mulher estar grávida. Existem fatos comprovados de nascimentos de crianças defeituosas pelo fato das mães terem tomado hormônios de estrogênio e progesterona (hormônios artificiais que existem na pílula) durante a gravidez. No entanto, o folheto recomenda criminosamente: «Às vezes, pode acontecer da regra não descer. Neste caso, depois de terminar de tomar a pílula, deve-se recomeçar uma nova caixa, mesmo sem a regra ter descido».

Todos sabem que os casos de sangramentos anormais devem ser pesquisados, pois podem inclusive indicar o início de um tumor. Mas a Bemfam ignora isso e diz: «Se perder um pouco de sangue, enquanto estiver tomando as pílulas, não pare. Continue a tomá-las até terminar a caixa».

A Bemfam não toma também conhecimento das instruções contidas na bula que acompanha os anticoncepcionais. A bula recomenda que «antes de se iniciar o tratamento, é aconselhável um exame ginecológico completo, inclusive das mamas». Diz ainda que o produto é contra-indicado às pessoas com lesão hepática (de fígado) grave, antecedentes de icterícia durante a gravidez anterior e processos tromboembólicos. Apesar disso, nenhum exame é feito antes, para verificar se a mulher pode ou não tomar a pílula. Nos postos da Bemfam, segundo denúncias, o exame só é feito depois de seis meses após o seu uso ou a pedido da paciente.

RUMO AO PLANEJAMENTO FAMILIAR

Controle da natalidade ou planejamento familiar? Embora as discussões sobre o assunto continuem, o Governo Federal aprovou no dia 27 de julho último, através do Conselho de Desenvolvimento Social, o Programa Materno-infantil, do qual faz parte o Programa de Prevenção de Gravidez de alto risco, que prevê a distribuição gratuita de anticoncepcionais. Para o ministro da Saúde, Mário de Almeida Machado, este programa «nada tem a ver com o controle da natalidade, mas objetiva salvar as mães doentes sem condições de ter filhos».

Na exposição de motivos consta que a identificação da mulher grávida com risco (médio ou alto) e seu encaminhamento para a assistência pré-natal constitui a primeira etapa do planejamento familiar (...). A seguir, terão início os programas de educação e motivação para o planejamento familiar, que serão intensificados gradualmente à medida em que se aproxima o momento de se iniciar a anticoncepção».

O Ministério da Saúde, segundo seu ministro, «não pretende distribuir irresponsavelmente pílulas anticoncepcionais. As pílulas serão distribuídas para mulheres comprovadamente doentes e que, se tiverem filhos nessas condi-

ções, arriscar-se-ão a morrer no parto ou a ter filhos sem condições de vida normal, em termos de saúde. O planejamento familiar tutelado pelo governo forçosamente implicará o reestudo da posição da Bemfam».

Segundo o secretário estadual da Saúde de São Paulo, Walter Leser, o programa que visa atender principalmente às famílias de baixa renda, prevê quatro itens: 1) assistência médica e sanitária à mãe, desde a gestação até o parto, e também ao recém-nascido e à criança; 2) educação da mãe no período pré-natal; 3) vacinação da gestante (especialmente contra o tétano) e da criança; 4) nutrição da gestante, da nutriz e da criança. Só depois de cumpridas essas quatro etapas, viria o planejamento familiar, que teria como base o princípio adotado pelo Brasil na Conferência sobre População, realizada em 1972, em Bucareste, Hungria: «**Todo casal tem o direito de escolher o número de filhos que deseja ter e de receber informações e meios cientificamente corretos para evitar uma gravidez não desejada.**»

O programa paulista leva em conta, ainda, aspectos como idade da mulher - inferior a 20 anos e superior a 35 - terido cinco ou mais filhos, renda fami-

liar até um salário mínimo e baixa escolaridade, que podem colocar em risco a gravidez. Grande parte das mulheres brasileiras se enquadram nestes itens. Desta forma, a gravidez de muitas seria considerada de alto risco, o que levaria a incentivar o uso dos anticoncepcionais. Os dois planos - federal e estadual - apresentam um risco: induz as mulheres a usarem pílulas anticoncepcionais, sem oferecer oportunidade de escolher o método que lhe convém. Recentemente, a Organização Mundial da Saúde declarou que «a tendência é procurar um substitutivo para a pílula anticoncepcional, levando-se em conta os problemas que vem causando às mulheres que a utilizam». Esse aspecto assume maior gravidade se considerarmos que no Brasil existem atualmente 10 laboratórios multinacionais fabricando 28 marcas de anticoncepcionais, sendo que mais de 15, vendidos aqui livremente, são proibidos nos Estados Unidos.

O que nos garante que o plano brasileiro não levaria tão-somente ao controle da natalidade, ao invés de melhorar o nível de saúde das mães e das crianças? Um programa que realmente pretenda elevar o nível de saúde das mães e das crianças só terá fundamento se houver

uma real melhoria das condições de vida. A melhor distribuição de renda, maiores oportunidades de trabalho, de participação nos destinos da nação e de educação levariam, sem dúvida, e uma limitação espontânea, por parte de casais, permitindo inclusive que eles mesmos decidissem sobre o número de filhos que desejam ter. Nesta situação, ao Estado caberia informar sobre os métodos existentes para evitar a gravidez e dar condições para que o casal escolha livremente aquele que lhe convém. E, quando os métodos exigirem controle médico contínuo (como é o caso das pílulas e do DIU), determinar esse controle.

Mas estamos falando de condições ideais, que ainda não existem no Brasil, e para atingi-las é preciso muita luta. No momento, o importante é que a possibilidade de controlar o número de filhos, separando assim o prazer sexual da procriação - que é um direito das mulheres - não seja transformado em programas de controle da natalidade irracionais, prejudiciais e muitas vezes coercitivos. Cabe a todos - principalmente às mulheres - assegurar isso desde já, exigindo informações sobre os métodos existentes para evitar a gravidez e a livre escolha do método a ser utilizado.

SEXO: PECADO PARA AS MULHERES

A preocupação em manter o físico em forma e ter uma aparência saudável e agradável é sadia, tanto para o homem quanto para a mulher. No entanto, tudo o que vemos, lemos e ouvimos, é no sentido de nos convencer de que os homens não precisam se preocupar com essas coisas e que as mulheres deveriam passar a maior parte de seu tempo preocupadas com suas roupas, cabelo, etc.... E, para quê?

A resposta aparentemente, é óbvia: queremos agradar aos homens para encontrar um que nos ame e a quem amemos. Daí, nos casaremos, teremos muitos filhos e seremos muito felizes, como nas estórias de fadas. Pelo menos é esse o destino que todos dizem ser o melhor para a mulher: casar e ter filhos. E é a isso também que fica redu-

zida, na maior parte dos casos, a vida sexual das mulheres: agradar ao marido e procriar.

No entanto, a sexualidade é muito mais do que isso: é uma fonte inesgotável de prazeres físicos e psicológicos, de enriquecimento e de ampliação da afetividade. Infelizmente, porém, nem todas as mulheres conseguem usufruir de seu corpo pois são, muitas vezes, usadas de forma brutal como objeto sexual do marido, ou então tratadas como meras máquinas de parir filhos.

Quando a mulher pode dominar seu corpo, pela contracepção (evitando a gravidez), separando assim a sexualidade da procriação, um grande passo foi dado no sentido da emancipação feminina. Para as mulheres, agora, ficou mais fácil escolher se desejam ou

não ter filhos e, desta maneira, amar sem o temor da gravidez indesejada. No entanto, ainda hoje não existe um método anticoncepcional que seja satisfatório sob todos os pontos de vista, isto é, que não traga prejuízos à saúde e, ao mesmo tempo, ofereça toda a segurança. O progresso dos métodos anticoncepcionais corresponde, pois, a uma necessidade permanente da sexualidade realmente livre. Além disso, outros passos importantes precisam ser dados: é preciso destruir os preconceitos; é preciso enxergar o próprio corpo não como instrumento de prazer do outro, mas como fonte de prazer para ambos os sexos; é preciso ver que o sexo é bom, saudável e que o amor é uma das necessidades mais vitais de homens e mulheres.

COMO EVITAR A GRAVIDEZ

Separar a procriação da sexualidade não é uma preocupação de hoje: Há mais de 2000 anos já se utilizam métodos para evitar filhos. No entanto, até há muito pouco tempo, os métodos mais conhecidos deixavam exclusivamente nas mãos dos homens a responsabilidade de evitar a gravidez não desejada. Dentre estes, os mais comuns eram o coito interrompido e o preservativo, ou camisa de Vênus.

Com o passar do tempo, novos métodos foram surgindo, sendo que a característica dos mais modernos é a de transferir para a mulher a responsabilidade de engravidar ou não. Para as mulheres, essas descobertas significaram, sem dúvida, um grande passo para a sua emancipação: elas podiam, enfim, controlar o seu corpo e não precisavam mais depender do «esquecimento» ou irresponsabilidade de alguns homens.

Bom seria, se existissem métodos anticoncepcionais que fossem ao mesmo tempo seguros, eficientes, convenientes, e de responsabilidade tanto do homem quanto da mulher. Isso, no entanto, não é fácil de conseguir, principalmente se considerarmos a existência de uma grande e poderosa indústria, que produz e comercializa os métodos anticoncepcionais, e que ganha muito dinheiro com os que já existem.

Portanto, cabe a nós lutar para que os cientistas não vinculados a essas grandes indústrias encontrem outros métodos eficientes, baratos, de fácil uso pela mulher e pelo homem, e que não prejudiquem a saúde. Mas, enquanto esses novos métodos não são descobertos, o jeito é continuar usando os que já existem. Portanto, é bom saber como funcionam, como utilizá-los e quais são os cuidados que é preciso tomar:

TABELINHA (OGINO E KNAUS) - É um dos métodos mais antigos e também dos menos seguros. Só as mulheres que têm uma menstruação muito regular podem usá-lo. Vejamos como funciona numa mulher que fica menstruada de 28 em 28 dias ou de 30 em 30 dias: do primeiro dia até o décimo, pode haver relações sexuais sem perigo de engravidar; nos dez dias seguintes,

quando deverá ocorrer a ovulação (o óvulo solta-se do ovário e dirige-se para o útero, através das trompas), é preciso usar algum método preventivo; e nos dez dias restantes, como o óvulo já estará morto (ele vive só um dia), as relações sexuais podem ser mantidas normalmente, sem perigo. Esse exemplo não serve para todas as mulheres. É preciso que cada mulher conheça a sua regularidade, anotando todo mês o dia em que fica menstruada, para estabelecer, com a ajuda do médico, os dias «perigosos». Este método pode ser aperfeiçoado tomando-se a temperatura todos os dias, ao acordar e em jejum. A elevação súbita da temperatura significa que a mulher vai ovular dentro de 24 a 48 horas, quando poderá engravidar.

PÍLULA - Sem dúvida, este é um dos métodos mais eficientes, mais fácil de ser usado e um dos mais baratos. No entanto, sem controle médico e dependendo do organismo da mulher, pode causar as mais graves doenças, como, por exemplo: tromboflebite (inflamação das veias); embolia (entupimento dos vasos sanguíneos); diabetes; toma-

da por adolescentes, pode causar a redução do seu crescimento; pode causar a atrofia dos ovários e neste caso a mulher ficaria estéril (não conseguiria mais ter filhos). Antes de se optar por esse método, a mulher deve fazer um rigoroso exame médico para saber se pode ou não usar a pílula. Feita a opção, deve seguir à risca certas orientações: 1) se acontecer algo de anormal com o organismo, enquanto estiver tomando a pílula, procurar um médico; 2) para de tomar a pílula durante dois a três meses por ano, para que o organismo descanse; 3) não usa-la durante muitos anos seguidos; 4) se estiver tomando a pílula e a regra não descer, suspender imediatamente o uso, pois há grande probabilidade de estar grávida; 5) depois do parto, se a mãe quiser amamentar seu bebê, não deve tomar a pílula, pois estudos recentes mostram que a pílula seca mais facilmente o leite, além de tirar proteínas, gorduras e cálcio, substâncias que os bebês precisam para crescer; é importante que a mulher adulta e sadia, disposta a tomar a pílula, mantenha-se

sob supervisão médica e faça exame de prevenção de câncer, pelo menos uma vez ao ano.

DIU (Dispositivo intra-uterino) - Não é fabricado no Brasil e, portanto, poucas mulheres têm condições de usá-lo. Trata-se de um pequeno objeto que, colocado no útero, impede a gravidez na medida em que evita a fixação do ovo.

Os DIUs de cobre podem permanecer ativos durante dois anos e os de plástico, cinco. Porém, vários médicos recomendam que a mulher não permaneça com o mesmo dispositivo por mais de um ano. O DIU pode causar efeitos secundários como maior sangramento durante a menstruação, sangramento entre as regras, cólicas fortes. Se a mulher tiver sangramentos e cólicas constantes e fortes, deve ir ao médico retirá-lo. Mesmo as que não têm problemas devem fazer exames médicos periódicos.

PRESERVATIVO MASCULINO (Camisa de Vênus ou camisinha) - É o único contraceptivo masculino e pode ser usado por qualquer homem. Se a mulher usar um creme espermicida ao mesmo tempo, a segurança aumenta. Muitos acham que este método atrapalha o ato sexual. No Brasil, os preservativos são de péssima qualidade, mas em outros países há outros tipos, de fibras animais, que não atrapalham em nada a relação sexual.

Além desses métodos, existem ainda o **diafragma** e **injeções contraceptivas** que não são fabricados no Brasil e são difíceis de serem encontrados. O **diafragma** é uma pequena capa de plástico ou de borracha, que é introduzido no útero para impedir a entrada do espermatozóide. Quanto às injeções, o efeito pode durar de um a seis meses. Uma delas, a Depto-Probera, cujo efeito pode durar de três ou seis meses, é usada em mais de 70 países. Embora seja fabricada nos Estados Unidos, lá seu uso é proibido, bem como na Inglaterra. Apesar disso, o Fundo das Crianças da ONU, a Organização Mundial de Saúde e a Federação Internacional do Planejamento Familiar (da qual a Bemfan é uma espécie de filial) fazem a distribuição dessa injeção.



CARTAS

MULHER, DEUSA DO LAR?

«Olho ao meu redor e não vejo qual seria este lugar da mulher. Quando chove, a água da chuva molha, indiscriminadamente, tanto os homens como as mulheres. Na guerra, a bomba que cai dos possantes bombardeiros não demonstra nenhuma preferência pelo sexo fraco ou pelo sexo forte. A inflação é uma praga que atinge homens e mulheres; o universo fisiológico e a manifestação da vida é a mesma para ambos. São necessários dois, um homem e uma mulher para formar um novo ser.

Se o universo pertence a ambos, se as mulheres constituem metade da humanidade, onde está este lugar da mulher? Se se acredita que um tem um lugar diferente do outro, quais seriam eles?

Alguém me sugeriu que é o lar. Assim, a mulher - essa «deusa» de incomparável poder - já realiza o fenômeno mais importante do universo: a continuação da vida. E não deve a mulher ir para as fábricas, nem para a guerra, nem para as ruas, mas deve ficar protegida dentro das sagradas paredes do lar.

Fiz uma pesquisa sobre concepção, gravidez e parto numa região onde as mulheres não podem ficar no lar cercadas de respeito e conforto. Elas acor-

dam pouco depois das 4 horas da madrugada (o marido ainda dormindo), preparam o almoço, debulham o milho, apanham água. Às 6 horas vão para a roça com os maridos, aonde trabalham em pé de igualdade até de tardezinha. Às 8 horas os maridos já estão dormindo e elas continuam realizando as tarefas domésticas. À noite acordam para olhar os filhos. E assim o lar é o lugar onde elas trabalham de segunda a domingo; a cama, o quarto caíre onde conseguem fechar os olhos quando não há crianças chorando. Minhas entrevistadas aos 36 anos já são mulheres idosas; aos 20, os seios já estão envelhecidos... Não posso compreender, portanto, onde estaria a deusa do lar.» Zulmira R.M. Lins. Januária (MG).

PELA SOBREVIVÊNCIA: CONTRA A COCA-COLA

«Eu e algumas amigas, discutindo o problema do consumo e do orçamento doméstico, chegamos a uma certa conclusão: deveríamos cortar algumas despesas desnecessárias e evitar as mercadorias prejudiciais à saúde das crianças, como a Coca-Cola e similares.

Por causa de nosso comodismo, a Coca-Cola, por exemplo, vem acabando com os sucos naturais, tão recomendados para crianças e adultos. Nosso grupo de mulheres é pequeno, mas tem um grande nome e uma proposta: Grupo pela Sobrevivência Física das Crianças

Brasileiras. Objetivo: retirar os produtos coloridos artificiais de nossas casas. Isto pode ser feito por qualquer pessoa e é isto que pedimos». M.L.Souza. São Paulo

OPRIMIDAS DE NORTE A SUL

«A única palavra que pude dizer depois de ter lido este jornal hoje foi: vocês estão de parabéns! É assim mesmo, nos unindo cada vez mais, que conseguiremos mudar alguma coisa; porque achar para si própria não adianta muito. Importante é debater o assunto entre nós, mulheres, e divulgarmos isto para todas as companheiras do Brasil inteiro. Porque não somos apenas nós, as do Sul, as oprimidas. As mulheres do Norte, cada vez mais vegetam e vêem seus filhos morrerem de subnutrição. Temos tantos problemas! Vamos nos unir para tentar resolvê-los, ou pelo menos tentar minorá-los. Por isso tudo eu dou o maior apoio a vocês e acho que muitas mulheres, não importa a idade, se verão no espelho lendo este jornal e se unirão a nós nesta luta.» Lia de Souza, São Paulo

CAMPANHA DE APOIO A «NÓS MULHERES»

Nosso jornal pede a leitores que continuem escrevendo cartas, dando seus depoimentos, fazendo críticas e sugestões, enviando notícias. Ademais como

continuamos com graves problemas de distribuição do jornal, pedimos a todas as pessoas que possam auxiliar nesta tarefa que nos escrevam dizendo quantos jornais poderiam ajudar a vender e em que locais (escolas, faculdades, igrejas, locais de trabalho etc.).

CONVOCAÇÃO

No dia 24 de agosto, os professores de São Paulo vão-se reunir no Largo do Arouche para protestar contra as condições do ensino e a grave situação em que vivem e trabalham atualmente.

O professorado de todos os níveis e escolas enfrentam os mesmos problemas: baixos salários, instabilidade de emprego, ausência de sindicatos representativos. Por isso mesmo vêm se organizando para lutar contra esse tipo de situação.

Em junho passado, mais de 400 professores protestaram, também no Largo do Arouche, contra suas condições de trabalho e entregaram ao secretário de Educação de São Paulo um memorial com mais de 10 200 assinaturas.

No próximo dia 24, mais uma vez entregarão ao secretário de Educação de São Paulo suas reivindicações.

Como suas lutas dizem respeito a todos, aproveitam para convidar a população de São Paulo a participar desse dia de luta.

QUEM CANTA SEUS MALES ESPANTA

Norma Benguel, atriz, mulher batalhadora, lançou no último mês de junho um disco de compositoras brasileiras que falam da vida, do amor.

Que falam como ela mesma diz «de seu lado alegre e otimista». De «Abre Alas que eu quero passar» de Chiquinha Gonzaga a «Outra você não me faz» dela mesma e Ivone Lara, o disco propõe, enfim, uma redescoberta de autoras brasileiras que tantas vezes são esquecidas. Abaixo ela nos conta o que esse disco significa e de que forma vê o feminismo.

«Quería fazer um filme documentário sobre compositoras brasileiras. Dessa ideia surgiu a do disco. Nele procurei unir o útil ao agradável: executar uma ideia nova no Brasil e dar força às nossas compositoras.

Para mim, cantar foi um reencontro com o começo de minha carreira, sendo que, desta vez, o refazendo feminino foi, sem truques, sexy. Exemplo, a foto da capa sou eu mesma, sem truques e cosméticos.

Como uma ideia busca a outra foi se conversando, eu e outras mulheres, e as músicas foram escolhidas. Alguns dos arranjos musicais feitos para dançar, porque, como diz minha mãe, quem canta seus males espanta.

E juntando o canto com a dança e o som das mulheres, aí está Norma Canta Mulheres.

A escolha das compositoras foi feita como porta-voz do que eu queria dizer no momento. Vontade de fazer um trabalho alegre, otimista e dando ao público um outro lado mim, como uma criança ri-sonha neste mundo muito louco, pois o



meu lado de atriz dramática, fazendo personagens sofridos, neuróticos, abandonados, o público já conhece.

É um disco para pensar e causou um reboio tão grande que chegou um momento em que me senti pressionada, sem saber o que responder sobre este trabalho. E feminista? E isso? E aquilo? Não sei. Só sei que foi um trabalho feito com amor e garra. Se é político? Tudo é político. Viver no mundo de hoje já é político.

Quando digo que é para pensar, é porque eu mesma continuo pensando no evento. Queremos coisas novas.

Nas minhas entrevistas não consegui explicar o que é o feminismo para mim, não sou boa oradora, talvez. Escrevendo talvez consiga, sem ser rotulada, sem me sentir um produto para ser vendido, consumido.

A emancipação da mulher, para mim, não quer dizer que queremos tomar o lugar do homem, ser homens ou concorrer com eles. Deus me livre desse pensamento! Queremos ser dignamente emancipadas. Queremos viver num mundo melhor, sem insegurança, sem violência. Para o progresso. Mulheres e homens juntos, livres, emancipados, sem neuroses. Uma emancipação cultural, econômica e sexual. O poder de escolha em nosso País.»

Com Amor
Norma Benguel

Aqui seus filhos são tratados com o carinho que merecem.

BERÇÁRIO E
RECREAÇÃO PARA
CRIANÇAS DE 0 a 3
ANOS

Rua Prof. João
Arruda, 199
Perdizes - São Paulo

dê uma
olhadinha na
Livraria Zapata

Na compra de 2 livros
você ganha um
número de «Nós
Mulheres» de presente

Rua Cesário Mota. Jr.
285
Fone: 222-2861

PELA IMPRENSA INDEPENDENTE

ESCRITA

Bagaço

VELHA
NEGRA

Coojornal

COBRA DE VIDRO

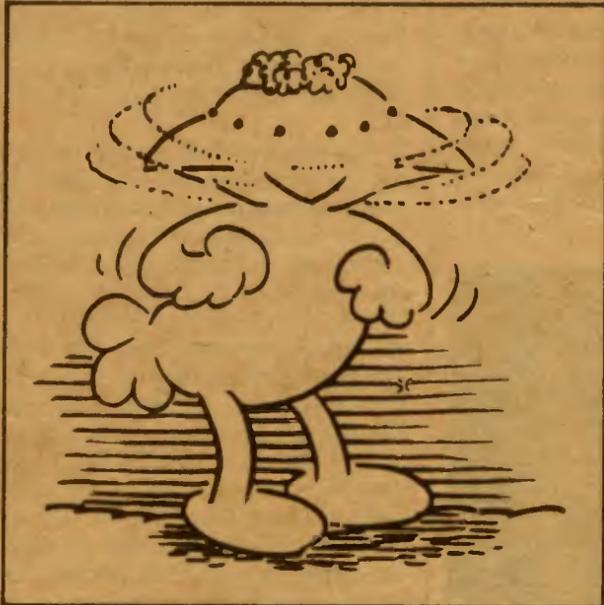
IPASQUIM

DE FATO

MOVIMENTO

BRASIL MULHER

VERSUS



\$ 90,00

Assinatura anual do **GRADIM!**

E você pode utilizar nosso efeito retroativo: pode começar sua coleção desde o n.º 7!
 Preencha o cupão e mande o cheque ou vale postal de Cr\$ 90,00 (menos que o preço na banca) em nome da EDITORA CODECRI LTDA.
 Rua Saint Roman 142
 Copacabana - ZC 37 - RJ.
 O preço para assinatura no exterior é de US\$ 25,00.

Assinatura: **GRADIM** Anual

Xize aí quem a partir do número

7	8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21	

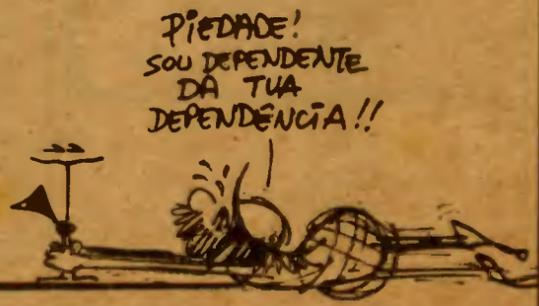
Nome
 Endereço
 CEP

**CONTRIBUA COM NÓS MULHERES
 FAÇA SUA ASSINATURA**

Para isto, envio cheque nominal de Cr\$ 50,00 para a Associação das Mulheres à Rua Fidalga, 548, sala 26, Vila Madalena - São Paulo - Capital. Essa assinatura dará direito a 6 números do Jornal.

NOME.....
 RUA..... N°.....
 BAIRRO..... CEP.....
 CIDADE..... ESTADO.....
 PROFISSÃO.....

Requijil do alto da Castiça
ZEFERINO



Falar de cooperativa para quem está preocupado com o arroz e feijão nosso de cada dia, parece uma maneira besta de tomar o tempo de quem tem pouco tempo, a não ser para o trabalho. Mas de cooperativismo também vive o homem, a mulher e a criança toda.

O cooperativismo nasceu com um problema de arroz e feijão, ou melhor, de batata com manteiga. Foi em Rochdale, na Inglaterra, entre operários da indústria de tecidos, em 1844. A situação desses operários não era nada boa. A grande maioria dos trabalhadores, homens e mulheres, tinha de trabalhar de 16 a 18 horas por dia, assim como as crianças menores de 8 anos tinham uma jornada de trabalho de 10 horas. Além disso, não havia garantias de trabalho, estabilidade, aposentadoria, serviço médico e, no fim do mês, feitas as contas, sobravam dívidas e faltavam o arroz e o feijão. Ou a batata.

Aí os trabalhadores resolveram se organizar, mas não foi fácil. Tiveram de brigar, e muito, contra os donos das fábricas, que também eram donos dos armazéns e mercadinhos onde os trabalhadores eram obrigados a se abastecer. Essa briga surgiu porque os trabalhadores resolveram se organizar para defender um dos seus direitos, a alimentação, que, afinal, é direito de qualquer um.

Uma das maneiras de defender seu direito de alimentação era brigar contra o sistema de comércio que controlava a distribuição dos alimentos, os preços das mercadorias e as próprias mercadorias.

LUCROS E SOBRES

O comerciante, quando trabalha, está sempre procurando uma coisa, o lucro. O lucro é tudo na vida do comerciante e do industrial. Eles vivem para ter lucro e, quanto mais puderem ter, melhor se sentem. Nós até poderíamos dizer que existem lojas e indústrias porque existem pessoas que querem lucrar com isto. É lógico que, do outro lado deste lucro, está a necessidade que as outras pessoas, aquelas que não lucram - têm de comprar os produtos que são produzidos pelos industriais e vendidos pelas lojas.



ASSIM É MAIS BARATO

É por isso que nasce a cooperativa, inimiga, até o fim, do lucro. É para que as pessoas possam ter o que precisam, sem passar pelas mãos dos comerciantes, que aumentam os preços para lucrar até não poder mais.

A cooperativa deve atender às necessidades de todos, abaixando ao máximo o preço dos produtos e, se por acaso, depois de todos os gastos, ainda sobrar algum dinheiro, deve dividir esta sobra com todos os trabalhadores associados. Isto acontece justamente porque, na cooperativa, não existem só alguns donos, como na fábrica e no armazém, mas, ao contrário, porque todos os trabalhadores são donos da cooperativa.

O CONTROLE DEMOCRÁTICO

Daí a diferença mais importante: os interesses e as necessidades dos sócios só podem ser defendidos pelos próprios sócios, e não por uma ou duas pessoas. Porque, se os sócios elegem uma diretoria para cuidar da cooperativa em seu nome, a função dela é destacar e fazer prevalecer interesses comuns, independente dos pessoais. Qualquer diretoria representa e deve executar os interesses dos associados em seu conjunto, prestando conta de seus atos. É por causa disso que, em Rochdale, a primeira cooperativa nasceu e se organizou tendo por princípio o controle democrático - é a participação dos sócios que possibilita a organização em torno dos problemas mais importantes dos trabalhadores, e determina o modo de resolvê-los.

TIPOS DE COOPERATIVAS

As cooperativas que cuidam da distribuição dos alimentos são chamadas cooperativas de consumo. Mas não adianta querer distribuir alguma coisa se o dono da fábrica, ou da fazenda, segura os produtos. Por isso, foi necessário que as cooperativas passassem a

plantar e fabricar, para produzir a preços mais baixos o que os trabalhadores precisavam: são as cooperativas de produção.

E assim por diante: para cada necessidade, os trabalhadores se organizaram em cooperativas diferentes - de trabalho, de educação, de crédito etc., para que a produção e a repartição fossem organizadas socialmente, pois, cooperativismo, em língua de gente, é a maneira de fazer junto aquilo que não dá certo fazer sozinho.

COOPERATIVISMO NO BRASIL

No Brasil, as cooperativas começaram a aparecer em fins do século passado e, com o tempo, surgiram leis e órgãos oficiais para controlá-las. Só em São Paulo, existem hoje mais ou menos 230 cooperativas de consumo, sendo que a grande maioria é das fábricas, enquanto que as independentes não chegam a 10%.



Como o abastecimento é um dos problemas mais importantes dos trabalhadores, as próprias empresas passaram a estimular a formação de cooperativas, organizando associações com o dinheiro do próprio trabalhador e contribuindo com uma parte, que é descontada em seu imposto de renda.

Então, o trabalhador não se preocupa com o fim do salário antes do fim do mês, porque pode comprar para desconto em folha, sem dinheiro à vista, mesmo quando as mercadorias são mais caras. Este é, para as empresas, um modo de tentar manter a «paz na casa», em troca da alimentação mínima garantida. E como a cooperativa recebe dinheiro da empresa, acaba servindo aos interesses da empresa.

AS COOPERATIVAS INDEPENDENTES

Por outro lado, existem as cooperativas independentes, que não recebem dinheiro algum das empresas e vivem só por causa do dinheiro de seus sócios.

E essas cooperativas podem se organizar de duas maneiras: ou funcionam como verdadeiros supermercados, onde o sócio só vai fazer compras e nunca sabe o que realmente acontece lá dentro - neste caso, elas deixam de ser cooperativas e viram pequenas empresas. Ou podem funcionar com a participação dos associados - pois se a gente não sabe como as coisas funcionam, não sabe se elas estão certas - já que é através do controle e da participação dos trabalhadores que a cooperativa pode cumprir suas funções. De outro lado, se a cooperativa fica na mão de um grupo pequeno de pessoas, estas poderão fazer de conta que os seus problemas são os de todos, substituindo os interesses da maioria pelos seus próprios interesses.

E defender o nosso bolso não é fácil; mas quem melhor do que o trabalhador para defender seus interesses?

A cooperativa só existe, portanto, quando a defesa de nossos interesses é exercida democraticamente por todos aqueles que dela participam. É na luta em torno de interesses comuns que a gente assegura nossos próprios direitos.

CONTRA A CARESTIA

Uma outra maneira que a população da periferia de São Paulo tem encontrado para defender seu direito de se alimentar, na luta contra a alta do custo de vida, é a formação de «mutirões de compras», ou «compras em comum», tal como acontece na Vila Morro Grande (Zona Oeste) e em São Mateus (Zona Leste), lugares onde a renda familiar mal chega a Cr\$ 2.000,00.

Sem formar cooperativas, algumas famílias resolveram se unir em seus bairros e fazer compras por atacado. Desta forma, o abastecimento básico sai mais barato e, como diz Vitor Luiz, da Vila Morro Grande, «a economia é de Cr\$ 150,00», por mês, em comparação com os preços do armazém. As compras são feitas mensalmente e, para cada compra, pesagem e distribuição, as famílias se revezam: toda vez vai um grupo diferente.

E quer em São Mateus, com 50 famílias, quer em Vila Morro Grande, com 17 famílias, o sistema de mutirão de compras funciona como uma forma de defesa e participação dos trabalhado-

res. Exemplo disto é o caso de Deraldo, de Vila Morro Grande: quando sua mulher ficou grávida, foi despedida do lugar em que trabalhava e Deraldo, que não tinha especialização, só fazia «bico». Como resultado, a família não tinha com o que viver, e foi, unidos em «mutirão», que os moradores da Vila se organizaram para tentar resolver um problema da comunidade: a subsistência de Deraldo. Ou, no caso, de São Mateus, onde o pessoal que participa das compras, dividia entre si as compras do mês de uma outra família, caso houvesse doença ou desemprego.

Porque o problema de um morador afeta a vida de todos, é que se exige a participação constante, pois «é vindo e discutindo que a gente se une». Em consequência, quando alguém falta em mais de três reuniões seguidas, é excluído das compras da Vila Morro Grande. Isto também faz com que, nas eleições anuais de São Mateus, seja obrigada a renovação total dos responsáveis pelas «compras em comum»: «para que ninguém se acostume com o poder».

